

BIO-BIBLIOGRAFIA

BIO-BIBLIOGRAFIA

JOÃO MARTINS PEREIRA - E o seu, nosso tempo.



PESQUISA E TEXTO:

Centro de Documentação 25 de Abril – Natércia Coimbra,
com o apoio de Manuela Vasconcelos e Marta Martins Pereira.

CONCEITO E FOTOGRAFIAS:

Susana Paiva

CONCEPÇÃO GRÁFICA:

Duplonetwork

AGRADECIMENTOS:

Adelino Gomes, Alexandra Mendonça, Alves da Silva,
António Souta, Augusto Medina, Eduarda Dionísio,
Fátima Bonifácio, Fátima Patriarca, Fernando Lopes,
Francisco Louçã, João Cravinho, Jorge Almeida Fernandes,
Jorge Ricardo, José Noronha, José Vítor Malheiros,
Manuel Távares, Manuela Cruzeiro, Maria João Seixas,
Mariano dos Santos, Marques Afonso, Prostes da Fonseca.

A ABRIR

Quando a Manuela Vasconcelos me contactou sobre o espólio do João Martins Pereira — era eu ainda director do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra — tive um arrepio. De repente, recuei trinta e tal anos e fiquei profundamente triste. Inexplicavelmente, senti uma enorme solidão que não era individual mas colectiva, que não se referia a coisas nem a pessoas mas a ideias e princípios, a análises lúcidas e a radicalidades sem compromissos. No fundo, doía-me o presente com uma intensidade inabalável. A lembrança de JMP criava uma imensa cratera cujo enorme vazio se avistava por entre a frágil espessura de uma nuvem algodoadada que afinal não era outra coisa senão a insustentável leviandade das ideias e debates que dominam o quotidiano oficial e mesmo não oficial dos nossos dias.

Pouco tempo levei para decifrar tão abissal desconforto: o JMP fazia uma falta impreenchível ao nosso presente e ao nosso futuro. O seu espólio era, pois, um espólio do presente e do futuro negados e, por isso, um espólio muito precioso que só uma sociologia das ausências permitiria valorizar adequadamente. É esta a sociologia que terão de praticar aqueles que quiserem estar à altura da exigência deste espólio. A eles e elas deixo algumas pistas que lhes podem simultaneamente facilitar a tarefa e dar a medida das dificuldades de viverem coerentemente com o que encontrarem. A primeira pista é que a objectividade nada tem a ver com neutralidade e que, portanto, é possível ser-se muito objectivo sem nunca deixar dúvidas sobre de que lado se está no plano social e político. No fundo, se se está do lado

dos opressores ou do lado dos oprimidos. A segunda pista é que a pesquisa empírica não é necessariamente empiricista e que a positividade dos dados não envolve a acefalia positivista. Pelo contrário, a análise rigorosa é a única via para construir teorias críticas e políticas emancipatórias suficientemente resistentes à crescente obsolescência das modas científicas e políticas. A terceira pista é que ser crítico é não reduzir a realidade ao que existe e procurar infatigavelmente as possibilidades e as potencialidades do presente suprimidas pelos saberes e pelos poderes dominantes. A quarta pista é que a radicalidade do inconformismo exige uma constante busca da dúvida e da auto-reflexão, não sendo, por isso compatível com qualquer ortodoxia. O ortodoxo é um radical minado pela saudade do conformismo. Pouco fiável e menos apetecível. Finalmente, a quinta pista é que as discussões emergentes sobre o socialismo do século XXI, tão necessárias quanto difíceis, não poderão chegar a lado nenhum se não partirem de uma análise rigorosa do que foi o socialismo do século XX. Em Portugal, ninguém o fez melhor que JMP e por isso é tão grande a resistência a relê-lo.

Tudo isto e muito mais está em JMP, na sua vida e na sua obra. E tudo o mais que há nele e é quase tudo reside em nós e no modo como marcamos encontro com ele. Despercebidos para percebermos.

Boaventura de Sousa Santos

O meu primeiro encontro com João Martins Pereira aconteceu quando entrei numa pequena livraria de uma pequena vila do interior e dei numa estante com o recém-saído *Pensar Portugal Hoje*. Era o inverno de 1971 e, apesar do breve degelo marcelista, falar livremente de Portugal, pensando-o como presente, de uma forma dinâmica e não como mera projeção de um despótico antigamente, era então sinal de audácia. Mais ainda quando se proclamava, como acontecia logo na introdução, que o país «hoje» (então) a ser vivido se confrontava com «uma excessiva pobreza e superficialidade da parte dos que dele se têm ocupado numa perspectiva crítica (ou que assim se apresenta).» Mesmo o meio-entendedor percebia de imediato que o autor não se limitava a ensaiar um diagnóstico da realidade portuguesa e dos seus bloqueios à época, afastando-se declaradamente de algumas das leituras que lhe pareciam insuficientes ou mesmo ultrapassadas. Esta marca de ousadia, independência e inteligência crítica, logo perceptível neste estudo, foi no fim de contas um dos traços persistentes de JMP como ensaísta, crítico e homem de causas. Traço que vinha do antes, sem dúvida, dos tempos da sua descoberta da esquerda como projeto de futuro e programa para a vida, mas que se manteve sempre ao longo do seu trajeto cívico, definindo um exemplo, incomum em Portugal, de um pensamento autónomo, não submisso a cartilhas, escolas ou programas, não sujeito a esquemas simplistas, e que jamais deixou de se definir clamando pelas suas próprias razões.

Mas olhar para o que JMP pensou e escreveu, pelo que se interessou e por aquilo que o preocupou, não será apenas seguir um caminho pessoal. É também unir este caminho a uma corrente do tempo integradora do socialismo como utopia, que para alguns terá cumprido a sua época mas cuja herança não pode, de forma alguma, deixar de funcionar como um impulso capaz de a transcender. A sua formação e crescimento intelectual são exemplares de um trilha próprio de muitos homens de esquerda formados durante o segundo pós-guerra, que foram abandonando a crença no modelo dogmático e determinista da história, apoiado numa certa ideia de «paraíso na Terra», trocando-o por uma pluralidade de influências, e de pertenças, que encontrava na ausência de certezas, mas não de convicções, o sentido mais completo da sua presença no mundo e da sua capacidade para participar solidariamente da sua transformação, rumo a um futuro que seria sempre da responsabilidade dos que estavam para vir. Num apontamento diarístico datado de 4 de Março de 1985, publicado na coletânea *O Dito e o Feito*, JMP revelou o sentido exato desse combate singular mas não isolado, com tempo e lugar mas não dependente das pequenas circunstâncias: «Apercebo-me subitamente que a minha vida deixaria de ter sentido se estivesse certo que não haveria um ‘depois de mim’, mais precisamente, de que não existira futuro para além de mim. Não porque pense que qualquer posteridade se venha alguma vez a ocupar com a minha pessoa, não chega a tanto a minha presunção. Mas porque gosto de me sentir inserido numa corrente que só o é por ter a continuidade assegurada, por me saber um grão numa construção que prosseguirá sem limite de tempo.» A evocação, da qual esta pequena brochura fica como testemunho, não pode pois deixar de seguir a vontade do evocado, oferecendo um pouco daquilo que legou mais ao futuro de todos nós do que à celebração da sua existência de homem comum, como gostou sempre de se considerar.

Este parágrafo final é um compromisso com a justiça e escrevo-o na qualidade de atual diretor do Centro de Documentação 25 de Abril. Destina-se a agradecer sentidamente à família do João (trato-o desta vez pelo nome próprio, como fizemos sempre que dele falávamos). Mais precisamente à Manuela Vasconcelos e à Marta Martins Pereira, que nos cederam e ajudaram a organizar muitos dos seus apontamentos, livros, cadernos, recortes, objetos, brevemente ao dispor de quem os queira conhecer, os deseje estudar ou simplesmente lhes pretenda tomar o pulso. Com eles o Centro ficou mais rico,

mas com a intervenção e o exemplo do seu autor o nosso país ficou – e tão preciso será ele agora, nestes novos tempos sombrios que atravessamos – com um legado exemplar de convicção e de otimismo crítico. Um sincero obrigado.

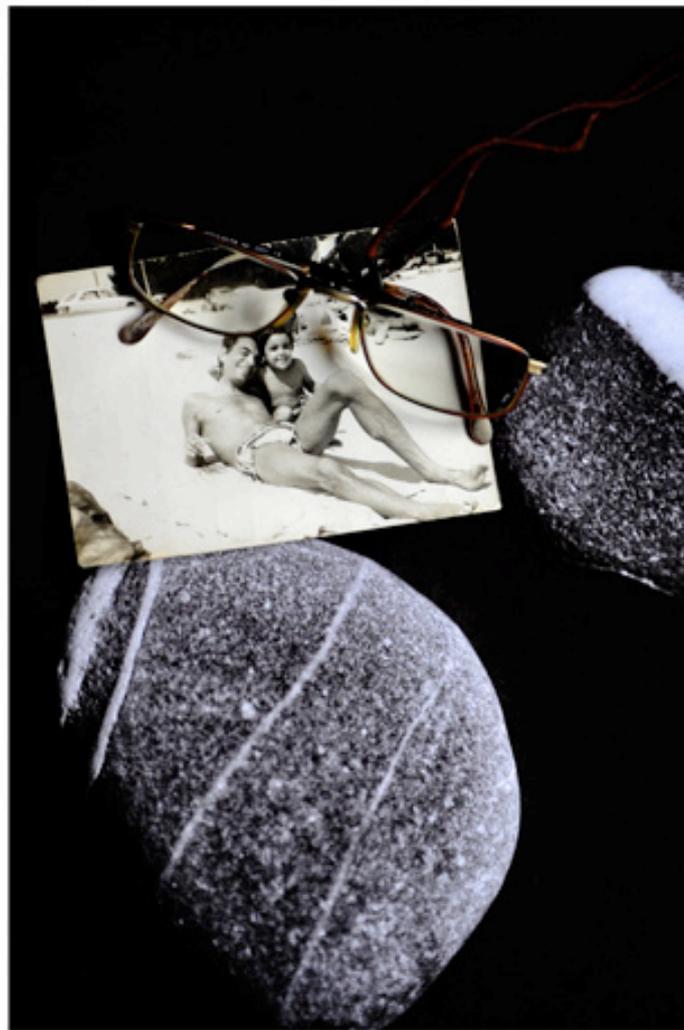
Rui Bebiano

Engenheiro e economista, ensaísta de fundo, governante efêmero, jornalista acidental, estudioso do capitalismo português, João Martins Pereira foi um pensador e um activista político que sempre fugiu da ribalta. Sempre crítico e inconformista, amante da igualdade e da liberdade, independente contumaz, marxista heterodoxo, sartriano radical, João Martins Pereira foi um dos mais originais e independentes pensadores da esquerda portuguesa.

José Vítor Malheiros



DADOS E NOTAS BIOGRÁFICAS



Os textos que intercalam as referências biográficas são ou do autor: retirados de notas manuscritas não datadas, escritas entre 2006 e 2008, de cadernos de notas datados, de textos impressos; ou de outros: pequenos depoimentos recolhidos para o efeito, fragmentos de entrevistas, textos impressos.

1932

João Manuel Midosi Bahuto Pereira da Silva Martins Pereira nasce a 24 de Novembro de 1932 em Lisboa, na freguesia de Belém. Filho de Carlota do Rosário Midosi Bahuto Pereira da Silva Martins Pereira e de Flávio Martins Pereira.

Nasci lá, mais precisamente no Largo do Figueiredo (julgo que a casa já não existe), mas nunca lá vivi, fui com um ano para Algés. Mas nos seis anos de Algés e, depois, em Lisboa, eram muitas as vezes que a minha mãe lá ia com nós dois [com a irmã Maria Tereza M.B.P.S. Martins Pereira de Melo] de visita às igrejinhas, às amigas e aos parentes.
[JMP, NOTAS SOLTAS]

1939

Aos sete anos sai de Algés, e até 1966 passa a viver na Av. 5 de Outubro.

E viemos [de Algés] porquê? Porque morávamos em Algés numa moradia que o meu avô, pai da minha mãe, lhe oferecera por volta de 1934-1935, como oferecera outra à minha tia-madrinha, que era solteira. Ora o meu pai saiu de casa em 1939 e, ao fim de um ano, pôs como condição para voltar que se vendesse a casa de Algés e viéssemos morar para Lisboa. Vir para Lisboa, viemos, mas durante esse ano (1940) não o vimos: tinha na mão uma razoável fortuna (da venda da casa), que deve

ter estafado ao longo do ano. Foi quando se acabou que teve de ir para o mar. Voltou para casa já embarcado. [JMP, NOTAS SOLTAS]

Eram oito assoalhadas, amplas na maioria, desembarcando todas, excepto uma, num corredor de dezassete metros, entre a porta de entrada e a cozinha. Aí viviam a minha mãe e nós dois. O pai só se via o tempo do jantar. Passava o dia fora e saía, acabado o jantar, para o café (o La Gare, na Baixa). Isto antes de andar embarcado em princípios dos anos 40. A guerra acabara-lhe com o negócio de importação de papéis pintados, vindos da Bélgica. Depois, só o víamos de mês a mês, entre as chegada e as partidas do navio (primeiro, o “Costeiro Terceiro”, da CUF, para a Guiné, mais tarde o “North King” para o Rio e, durante uns tempos, para a América, Nova Iorque). Foi assim que me chegaram, do Brasil, os primeiros Comics americanos traduzidos (o Príncipe Valente, o super-homem, o Batman, etc.) e os primeiros discos americanos, que se ouviam na grafonola de manivela. [JMP, NOTAS SOLTAS]

1939–1942

Faz a instrução primária em casa, com uma professora particular, juntamente com a irmã.

Começa a escrever e a fazer livros (escreve e cose) e jornais ilustrados.

Alguns títulos: *Rim-tim-tim*, *O Tareco*, *Tiro-Liro*.

A grande excitação era o dia em que saía O Mosquito, único supérfluo que me era concedido, que eu ia em alvoroço buscar à papelaria do Sr. Eduardo. Várias histórias de quadradinhos que me deixavam suspenso para a semana seguinte. Entretanto, ia desenhando o meu próprio jornalito (o Tiro-Liro). Em casa de umas velhas senhoras, que moravam nas traseiras e que visitávamos com frequência, passava horas agarrado a uns pesados dicionários enciclopédicos de princípio do século, de onde copiava caras de gente ilustre e recolhia temas para as minhas próprias histórias e para “edições especiais” de publicações “culturais”, que não passavam do 1º número. [JMP, NOTAS SOLTAS]

1942–1943

Frequenta o Colégio Académico. Interrompe por doença e é obrigado a fazer

um ano de repouso. São deste período a 2ª série do *Tiro-Liro*, o jornal *Júpiter* e o começo do interesse pelas notícias.

Conversas, só a propósito de coisas do dia a dia. O jornal (Diário de Notícias) caía-nos na varanda do quarto andar enrolado sobre si mesmo por um ardina, que acertava quase sempre à primeira. Foi aí que me interessei pelo desenrolar da guerra: tirava apontamentos, recortava os mapas, tomava partido (não sei porquê, aderi aos “aliados” – não se falava de política em casa). Ouvia-se rádio, um aparelho em forma de ovo; colava-me a ele para seguir os primeiros relatos dos jogos de futebol, sobretudo, é claro, os jogos do Sporting (o meu pai fez-me sócio tinha eu um ano) [JMP, NOTAS SOLTAS]

1944–1949

Frequenta o Colégio Valsassina até ao final do curso liceal.

Ia para a escola (o Valsassina, em S. Sebastião) de eléctrico, que passava na Duque de Ávila e por isso me davam os 5 tostões da passagem. A partir de certa altura, passei a ir a pé e guardava o dinheiro (o primeiro que tive). A pé, punha-me lá quase ao mesmo tempo. [JMP, NOTAS SOLTAS]

1950

Entra para o Instituto Superior Técnico, para o curso de Engenharia Químico-Industrial, embora o seu sonho fosse arquitectura.

No Técnico, para além de me interessar pelas matemáticas e mesmo pelas engenharias, descobri algumas coisas, descobri que não bastava estudar. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

Eu fiz 20 anos em 1952. Não crente já então, se é que o fui alguma vez, eu era a ignorância do mundo, das coisas, das pessoas. Estudava engenharia, afincadamente. Mas desencantadamente. Punham-se-me as questões metafísicas (e físicas) do costume, as ditas «próprias da idade», e outras menos próprias. No meio disto, apenas duas armas, que já deviam vir, como hoje se diz, no meu «código genético»: uma enorme curiosidade, uma visceral propensão para o «não-alinhamento». Debicava sem nexo, como qualquer galináceo, nos grãos que, ao acaso das circunstâncias,

me vinham cair no minúsculo pedaço em que me movia: livros, filmes (cine-clubes), associação de estudantes, pouco mais. E sem nexos continuei, anos fora, até que, já nem sei como, dei comigo embrenhado no mundo sartriano.

[JMP, NO REINO DOS FALSOS AVESTRUZES]

Conheci o João logo no meu 1º ano do Técnico. O nosso ponto de encontro foi a Associação de Estudantes. Ele, mais velho três anos, era um participante destacado nas actividades associativas. Não era um “activista” compulsivo, antes um interventor selectivo com particular queda para ajudar a pensar e a resolver os problemas de fundo com que a Associação se debatia. Tinha já então uma cabeça bem arrumada, uma grande bagagem intelectual, uma lógica de intervenção coerentemente sustentada. Era, como sempre, muito exigente para consigo próprio. A sua confissão de que “era a ignorância do mundo, das coisas, das pessoas” está bem longe da realidade que o seu convívio quotidiano nos revelava. Era o oposto, na relatividade da sua juventude. No rigor do seu espírito aberto ao aprofundamento sistemático de uma síntese de saberes, que culminou com a sua pós-graduação em Paris, essa expressão aponta apenas a enorme exigência que a si próprio se impunha. [J. CRAVINHO]

Algures por volta de 1950: 1ª vez que estive em desacordo com um texto (??) [sic] que li! (tive, claramente, a noção da importância disto)

[JMP, NOTAS SOLTAS]

1954–1956

Entra para a Direcção da AEIST (Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico), a convite de Protes da Fonseca, tendo participado nas lutas estudantis contra o 40900 e na criação da RIA (Reunião Inter-Associações). Colabora até 1958 no Boletim da Associação.

O João se não era do meu curso [Engenharia Química] era do curso anterior ao meu. Nós éramos mil ao todo. Conhecíamos-nos todos. Além disso a actividade da Associação era uma actividade muitíssimo forte. Éramos a Associação de Lisboa que coordenava o movimento associativo. [...] O João era um dos meus maiores amigos naquela altura e deu uma colaboração muitíssimo boa. Era uma pessoa curiosa porque tendo uma altíssima craveira intelectual era uma pessoa muito modesta – isso viu-se muito na associação do Técnico – gostava de colaborar, gostava de contribuir, mas não lhe interessava

ter lugares e posições de relevo em que o nome dele aparecesse. Isso não lhe interessava. Agora gostava muito de colaborar e tinha espírito associativo. E um contacto pessoal e humano excelente. Não gostava de entrar em grandes coisas, em grandes comícios, em grandes coisas, isso não gostava. Era uma pessoa muito independente na sua actividade.

Quando organizámos a Semana de Química o João ainda não estava na direcção da Associação. Deu uma colaboração enorme. Fizemos um pequeno catálogo e eu pedi ao João que escrevesse um texto e pusesse o seu nome no fim e ele disse: isso não faço, faço o que estás a pedir com todo o interesse, mas o nome não.

Ele fez parte da direcção da Associação a que eu presidi. Havia três vice-presidentes, um dos quais era o vice-presidente para as relações externas, que era o João. [...] Estávamos sempre em luta contra o governo e uma dessas lutas foi o 40900. O 40900 foi um decreto-lei que o governo de então resolveu deitar cá para fora sobre as actividades circum-escolares. As associações viviam de um decreto-lei de mil novecentos e trinta e tal mas tinham conseguido arranjar um modus vivendi. [...] O 40900 levantou uma onda de protesto porque tinha uma filosofia que era esta: tudo aquilo que era o apoio circum-escolar – que era feito pelas associações – passava a ficar centrado no Ministério da Educação. No fundo tirava à Associação tudo aquilo que era apoio e deixava-nos a nós actividade cultural, desporto, etc. Tiveram a triste ideia de aplicar isso à AAC [Associação Académica de Coimbra]. Foi um processo longo de lutas das Associações de Lisboa e Coimbra. [...] Entretanto mudaram os governos e aquilo nunca foi aprovado. Em 63 ou 64 saiu um novo decreto-lei que anulou o 40900, sem nunca ter sido aprovado. [PROTES DA FONSECA]

O seu contributo para o êxito da luta estudantil contra o 40900 merece ser destacado. O ponto alto da capitulação do regime ocorreu na Assembleia Nacional em Janeiro de 1957 num debate em que Daniel Barbosa, professor de Economia no Técnico, fez um extraordinário discurso contra o 40900, bem acompanhado por outro deputado professor da Universidade de Coimbra. A situação criada forçou Salazar a anunciar a suspensão do decreto-lei através do líder da Assembleia Nacional, Mário de Figueiredo. O João, juntamente com Nogueira Simões, foi o advogado, por assim dizer, do Movimento Associativo junto do Prof. Daniel Barbosa, com o reflexo acima referido. [J. CRAVINHO]

1955

Estágio em empresas siderúrgicas francesas.

Estagiei numa aciaria em Longwy, muito perto do Luxemburgo em Setembro de 1955. No regresso a Portugal, no final do estágio, foi detido pela PIDE no comboio na fronteira de Vilar Formoso. Talvez por ser dirigente estudantil, e por em Agosto desse ano ter havido um congresso de estudantes em Varsóvia, teve as malas revistadas com todo o cuidado, o que teve como resultado encontrarem uns prospectos provenientes de um pavilhão russo numa feira industrial que se tinha realizado em Julho em Estocolmo. Ficou detido no Aljube até serem traduzidos os prospectos que de subversivo não tinham nada. [JOSÉ NORONHA]

1956

Licencia-se em Engenharia Químico-Industrial pelo IST, em Lisboa, com a média final de 17 valores. Recebe, entre vários outros, o Prémio Mira Fernandes em 1954.

1956-1958

É incorporado na tropa em Setembro de 1956 no R.A.C. (Regimento de Artilharia de Costa) em Oeiras para fazer o C.O.M. (Curso de Oficiais Milicianos). Findo o curso, em que ficou em primeiro lugar e por isso mesmo, após a promoção a Aspirante a Oficial Miliciano, é colocado na Bateria de Alcabideche onde esteve cerca de um ano até ao “fim da tropa” em meados de Fevereiro de 1958.

1958

Fev/Jun - Passagem pela CUF (Companhia União Fabril, Barreiro), Divisão de Metais Não Ferrosos. Arranque de uma unidade de silicato de sódio.

Costa [da Caparica], 3.1.86

Há muito que pensava contar nestas páginas a história da minha passagem da CUF para a Siderurgia em 1958, já que é exemplar do que é “tratar homens como mercadorias” (coisa hoje tão esquecida: com a “água do banho” do marxismo, deitaram-se fora alguns preciosos bebês...), e por temer algum dia vir a esquecer-me dos seus “saborosos” pormenores. Ao fim de 25 anos, creio não ter esquecido ainda nada de essencial.

Um estágio que fizera em 1955 (nas férias do 5º para o 6º ano do IST) em empresas siderúrgicas francesas tornara-me um “apaixonado” dessa indústria ainda inexistente em Portugal, mas já então em princípio de lançamento pelo Champalimaud. Ao sair da tropa em Janeiro de 1958 tinha de me empregar imediatamente, pois o meu pai saíra de casa em 1957 e tornava-se indispensável ganhar o necessário para sustentar a família. No momento, tive de aceitar o convite da CUF – que o fazia sempre aos melhores alunos do curso de Química, a quem atribuía um Prémio. [...]

Por volta de Abril/Maio, a Siderurgia Nacional começa a seleccionar engenheiros para irem estagiar para a Alemanha: os futuros quadros da fábrica do Seixal. Os meus colegas Noronha e Tavares – do meu curso, da “minha” tropa – candidatam-se e são de imediato escolhidos. Põe-se-me um problema grave “de consciência”, pela primeira e última vez, aliás: será correcto, tendo sido convidado pela CUF, sair (ou tentar sair) ao fim de 3 meses, só porque me interessava mais trabalhar na indústria siderúrgica do que na indústria química? Que fazer?

Decidi ir saber que hipóteses teria na SN. Recebido pelo Eng. Estácio Marques, expus-lhe a minha situação e o meu interesse. Ao que me respondeu que estaria interessado, mas que, dado estar-se em fase de negociações delicadas entre a SN e a CUF para o fornecimento de cinzas de pirite (e sabendo-se o ódio figadal entre as duas famílias Mello-Champalimaud), só me admitiriam se fosse possível assegurar que a CUF não se oporia à minha saída. Fiquei de me informar sobre esse ponto.

Vi-me obrigado a “abrir o jogo” ao Eng. Teixeira Lopo, e pedir-lhe “conselho”. Compreendeu perfeitamente a situação, e disse-me que só havia uma solução: pedir uma audiência ao Dr. Jorge de Mello, o “big boss”. Que ele era uma pessoa muito acessível e que certamente entenderia o meu caso e não poria obstáculos.

Aí vou eu à Rua do Comércio, onde então funcionava o estado-maior da CUF, e consigo ser recebido rapidamente.

Jovem e cândido engenheiro, aí me vejo no enorme gabinete de Sua Excelência, a quem abro igualmente o jogo todo, sem quaisquer subterfúgios ou rodeios. Solene, S. Ex^a entra de imediato na matéria: “Só me interessa ter na CUF engenheiros cujo objectivo seja fazer carreira na empresa e subir aos mais altos cargos. Gente ambiciosa, que trabalhe para “vencer”! Ora, pelo que me diz, não é este obviamen-

te o seu caso: ao fim de poucos meses, já põe a hipótese de sair... Portanto, não se preocupe, não lhe porei quaisquer dificuldades. Pelo contrário, dou-lhe toda a liberdade: a partir deste momento pode considerar-se despedido!” [...] De qualquer modo, embora surpreendido, não fiquei excessivamente preocupado, pois que se me abriam, por esta inesperada via, as portas da Siderurgia Nacional.

Lá fui comunicar ao Eng. Estácio Marques a minha disponibilidade, que traduzia, embora de uma forma brutal, a intenção da CUF de não criar dificuldades à minha passagem para a SN. Registou e disse que ia fazer seguir a minha candidatura. Que telefonasse daí a uns dias, pois já devia haver uma decisão favorável.

Assim fiz, tendo-me pedido que fosse falar com ele. Encontrei-o bastante enfiado, e não era caso para menos. Segundo me informou, o Dr. Jorge de Mello, na sequência da nossa entrevista, escrevera ao Champalimaud a propor-lhe um “gentlemen’s agreement”: que nenhuma empresa aceitasse pessoal proveniente da outra, a começar pelo sr. Eng. Martins Pereira... Assim sendo, nada feito!

Desta vez, fiquei mesmo desempregado. E não podia estar nessa situação por muito tempo. Felizmente que, na altura, não havia problemas de colocação para engenheiros químicos, em particular bem classificados. Pus-me logo em contacto com o Prof. Herculano de Carvalho, então a organizar a nova empresa Soc. Port. de Petroquímica. Conversa puxa conversa decorreram mais três semanas, ao fim das quais o Herculano me diz ir propor à Administração a minha candidatura, e que seria aprovada sem dificuldades.

Um ou dois dias depois, telefona-me o Estácio Marques para eu lá ir. Desta vez, o homem parecia mesmo o “jesuíta” que, aliás, sempre foi: “sabe, Martins Pereira, a situação entretanto mudou. Você está desempregado, não se pode dizer que a SN o foi buscar à CUF.. Estaríamos interessados em admiti-lo, caso esteja de acordo...” Nessa altura, talvez pela primeira vez, “pensei adulto”, não sei se no melhor se no pior sentido: se o que verdadeiramente me interessa é trabalhar em Siderurgia, ir fazer um longo estágio ao estrangeiro, libertar-me da tutela materna, etc. etc., por que não hei-de aceitar, por que prender-me com pretensos orgulhos? E aceitei, jurando a mim mesmo naquele momento que sairia da SN no dia em que terminasse o contrato de 4 anos que me propunham. E mais: que tudo faria para, ao findar o prazo,

ter atingido uma posição de responsabilidade tal que não fosse indiferente à SN a minha saída.

Assim se passaram as coisas exactamente. Assinado o contrato em 24 de Agosto de 1958, deixei a SN em 24 de Agosto de 1962, como Chefe do Serviço da Aciaria e um dos mais “considerados” engenheiros da empresa. Mas reconheço que um ponto não foi cumprido: na realidade, dado o conjunto de engenheiros que haviam estagiado no estrangeiro, não julgo ter feito grande falta à SN. Mas, para mim, o assunto estava arrumado, e logo me apareceu o emprego para a Venezuela e, com isso, a possibilidade de ir depois passar um ano a Paris. [JMP, CADERNO DE NOTAS, 1986]

1958-1960

Entra para a Siderurgia Nacional. Faz vários estágios siderúrgicos: 16 meses na Alemanha (Hattingen, Dortmund), cinco meses na Áustria (Donawitz, Linz)

Na Alemanha foram mil descobertas: logo em primeiro lugar a indústria (pela qual fiquei apaixonado) e a fábrica que é um mundo fascinante sob muitos aspectos. Em seguida, através dos colegas que lá encontrei, mais lidos do que eu, é na Alemanha, em plena guerra da Argélia, que descubro na livraria francesa de Düsseldorf o Express, o France Observateur (hoje Nouvel Observateur), os Temps Modernes [...] Pela primeira vez tive uma noção do que era esquerda e direita, à custa da guerra da Argélia. [JMP, ENTREVISTA DE MJ] SEIXAS, 2001]

Sempre me ficou na memória a frase de Orson Wells no 3º homem – filme (nele, pois não está no 3º homem-livro, do Greene) sobre a Suíça: “Um modelo de ordem, de organização, mas o que deu ao mundo? O relógio de cuco”. Ao meter hoje o cachecol (novo!) na manga da gabardine, ocorreu-me algo semelhante: “O que aprendi em ano e meio na Alemanha super-laboriosa, super-organizada, a caminho (já então, em 59-60) da grande prosperidade? Uma maneira de não perder o cachecol...”. [JMP, CADERNO DE NOTAS, 1984]

1960-1962

Como engenheiro-chefe da aciaria, no Seixal, efectua a preparação do arranque da referida unidade, incluindo o recrutamento e treino do pessoal, a aquisição de materiais e a organização interna. Conduz o arranque, em equipa com os técnicos portugueses que tinham estagiado na Alemanha e Áustria,

e a supervisão de técnicos alemães e austríacos, prevista contratualmente, por um período de dois anos, pelo Consórcio fornecedor dos equipamentos de processo da nova fábrica.

A supervisão acabou por ser reduzida a pouco mais de metade do período inicialmente previsto, evidenciando a adequação da formação do pessoal técnico português e permitindo uma recuperação rápida do investimento realizado nessa formação. [MANUEL TAVARES]

Volto para Portugal, para a Siderurgia e sou logo nomeado chefe de serviço numa das fábricas da Siderurgia Nacional. E aí começam-se-me a pôr problemas: com vinte e poucos anos tinha 200 homens sob a minha chefia que, na sua maior parte, vinham dos empreiteiros que tinham estado lá a fazer a construção. Gente com muito pouca formação e que, de repente, se vê a ter que conduzir uma ponte rolante com uma panela de 30 toneladas de aço líquido. Um tipo começa a sentir-se mal, a sentir uma responsabilidade imensa, e se há um acidente?, além de ver aquela gente, que ganhava pouquíssimo, com privações terríveis... Comecei a pensar qual era o meu papel no meio daquilo tudo. Tinha que perceber melhor outras coisas, coisas que a fábrica só por si não me dava. De alguma maneira eu já tinha tensões de deixar a Siderurgia quando acabasse o meu contrato. E saio, em Agosto de 62. A minha vontade era ir aprender coisas que me servissem para esclarecer todas essas dúvidas. Deparou-se-me uma hipótese muito interessante, a de ir para a Venezuela durante um ano, dirigir uma fábrica de vidro, de um português. Mais uma vez – fornos! Pelos meus cálculos, que provaram estar certos, isso dava-me para, ao fim de um ano, poder ir estudar para Paris. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

Toda esta actividade, quer extra, quer post-escolar, me deu oportunidade de observar das mais variadas perspectivas os problemas humanos, tendo, em particular, o meu trabalho na AEIST, o serviço militar e a actividade fabril, despertado em mim uma necessidade absoluta de me entregar a um estudo aprofundado das determinantes económico-sociais da “condição humana”, que sucessivas leituras não faziam passar de um puro amadorismo. Considero chegado o momento de, com elementos colhidos na prática, abordar esse estudo com seriedade e com algumas bases importantes. Por isso me proponho seguir um curso em que a Economia e a Sociologia se dão

as mãos. [JMP, RASCUNHO DE PEDIDO DE BOLSA PARA IR ESTUDAR PARA PARIS, QUE NÃO CHEGOU A RECEBER]

1962–1963

Parte para a Venezuela onde trabalha como director de produção numa fábrica de vidro impresso e garrafaria, Centro Vidriero de Venezuela, em Guarenas. Foi responsável pela condução da unidade de produção de vidro impresso, numa fase de expansão, tendo preparado os meios técnicos e humanos para a passagem de um a dois turnos, organizado o controlo de qualidade e orientado a reorganização dos serviços de armazenamento de materiais e de expedição.

Saio da SN. Logo depois [...] foi Venezuela, e foi Paris! (Nessa mesma altura, soube-o alguns anos mais tarde, tive outra sorte extraordinária. O meu patrão na Venezuela (Carlos Galo, industrial vidreiro da Marinha Grande), no dia em que parti para Lisboa, mandou ao director dessa fábrica na Marinha Grande um telegrama a dizer-lhe para informar a PIDE de que eu era comunista. Valeu-me o homem achar que não poderia fazê-lo sem quaisquer provas. E o assunto ficou por aí... Se calhar o homem até era um opocionista...) [JMP, NOTAS SOLTAS]

A Venezuela é um país da América do Sul... com petróleo. A presença americana naquele país, no meio daquela imensa miséria, era, e suspeito que continua a ser, uma coisa tremenda. Aprendi na Venezuela mais uma coisa: o papel dos Estados Unidos nos países sul-americanos. O petróleo enriqueceu muita gente, mas destruiu a Venezuela. Quer durante a ditadura, que tinha acabado pouco tempo antes de eu chegar e que fora muito apoiada pelos Estados Unidos, quer com a democracia. Ao fim de um ano, como tinha matematicamente previsto antes de ir, embora o meu patrão não soubesse, parti para Paris. O que lá tinha ganho deu-me efectivamente para isso. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

1963–1964

Vai estudar economia para Paris, no Institut des Sciences Sociales du Travail, onde obtém os certificados de “Sociologia do Trabalho”, “Economia do Trabalho” e “Problemas do Trabalho” em países em vias de desenvolvimento. É convidado a leccionar no Instituto, mas não aceita por razões familiares.

Com professores magníficos, Alain Touraine, Michel Rocard, um outro, muito pouco conhecido hoje, o imponente André Philip, velho resistente, um colossal contador de “História”, fiquei a saber imenso sobre história do sindicalismo, sobre economia dos países em desenvolvimento... Foi, de facto, um ano de grande formação. Li e reflecti imenso. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

1964–1965

Em 1964 (Paris) e 1965 tem actividade política no M.A.R. (Movimento de Acção Revolucionária), movimento que chegou a ter alguma implantação no interior e nos principais núcleos de emigração política, como Paris, Londres, Argel, Roma e Marrocos.

1964–1965

Em Out/Dez 1964 – Responsável técnico na “Sociedade Revendedora de Papéis”, Lisboa (produção industrial de papel heliográfico).

Jan/Maio 1965 – Técnico do Serviço de Formação Profissional do Fundo de Desenvolvimento da Mão de Obra, em Lisboa.

Na sequência dos despedimentos na SN (em resposta ao estudo do SRI [Firma estrangeira de consultores franceses?]), Alves da Silva vai para a Profabril. Regressado de Paris em fins de 64, estou precariamente, no Fundo de Desenvolvimento da Mão de Obra. [JMP, NOTAS SOLTAS]

Foi por ocasião da admissão no quadro da Siderurgia que o João entrou na minha vida [de Alves da Silva]. Resolvido o ‘drama’ do conflito Mellos/Champalimaud que ele relata nos seus apontamentos, fizemos ambos parte do concurso respectivo em 1961, entrevistados pelo director-geral da S.N. – Alfredo Nobre da Costa (futuro 1º ministro por curto período).

Entrámos ao mesmo tempo; na primeira conversa trocámos poucas palavras: Ah, então você é que é o célebre Martins Pereira?” e “E você é que é o célebre Alves da Silva?”. Começou desde aí a criar-se uma relação cordial, sem motivo aparente já que nunca houve entre nós consonância de ideologias e de visão da vida, apenas amizade espontânea, talvez por certa semelhança de princípios, alguma afinidade intelectual e honestidade no comportamento e relação social. Quando saiu da empresa ao findar o contrato de 4 anos, disse-me que decidira ir para a Venezuela simplesmente para ganhar o dinheiro necessário para se matricular no curso de Sociologia na Sorbonne.

Em 1964 Champalimaud pediu apoio financeiro a Salazar: a comercialização do aço da Siderurgia esbarrara num mercado repleto de aço entretanto importado por especuladores para aproveitar os preços fixados para a S.N. Perante a recusa do apoio, Champalimaud usou os seus costumados meios violentos: pressionar o Governo com o despedimento maciço de pessoal fabril, incluindo grande parte dos engenheiros. Por discordar da chantagem, demiti-me, e pouco depois acabei por entrar na Profabril. Quando o João, depois da Venezuela e da Sorbonne, voltou a Lisboa, deu-me os parabéns, sorrindo e sem explicações. Sabendo do seu ingresso na fábrica de papéis, tentei recuperar a sua inestimável colaboração. Hesitou, alegando o compromisso já assumido com essa firma, mas a atitude compreensiva do empresário desta e a minha persuasão levaram-no a aceitar voltar a trabalhar comigo na Profabril. Aí fez carreira rápida, em domínio de actividade inovador e com o brilho habitual; viveu intensamente a Profabril e mais tarde a sua afiliada Tecninvest, pequena empresa de estudos e consultadoria que ele encabeçou como director-geral e que desenvolveu com inteligência e saber. [ALVES DA SILVA]

1965–1982

Em 1965, a convite do Eng. Alves da Silva, entra para a Profabril (Centro de Projectos, no Departamento de Estudos Económicos), onde permanecerá até 1982. Cria um núcleo de estudos técnico-económicos, e a partir de 1969, é Chefe de Serviço de Processo, Estudos Económicos e Agronomia. A partir de 1971, Director-Adjunto, responsável pela orientação de todos os estudos de carácter económico realizados na empresa. Executa numerosos estudos de avaliação de projectos industriais e de planeamento, e orienta muitos outros.

A minha ideia, que já vinha de trás, era de alguma maneira conseguir deixar de ser engenheiro. A meu ver, o lugar de um engenheiro, e de um engenheiro com a minha formação, era numa fábrica. Mas seria sempre um chefe e isso eu suportava mal. Regressei a Portugal em 64 e, em Portugal, não havia obviamente emprego para gente formada em Sociologia do Trabalho. Acabo por ir parar à Profabril, empresa recém constituída, que era um centro de projectos, quase exclusivamente formada por engenheiros e desenhadores. Em termos profissionais foi na Profabril e, mais tarde, numa empresa que lhe sucedeu, que fiquei até me reformar [em 1999]. E o que é que fazia? Fazia estudos relacionados com a indústria. Muitos cá, mas também alguns relacionados com as antigas colónias. Viajei muito. Conheci Angola, Moçam-

bique, o Brasil, uma grande parte da Europa. O trabalho interessou-me, era um trabalho de pequena investigação, que me ensinou imenso sobre a indústria portuguesa. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

1966

Começa a participar da tertúlia do Vává, que será a sua “escola de amigos”.

O trabalho é o lugar onde todos somos substituíveis. Só no nosso viver somos insubstituíveis. [...] A um dado momento... descubro a paixão. E, como é próprio das paixões, acabou mal. Descubro então o Vává e a sua tertúlia, corria o ano de 66. Muitos dos amigos que tenho hoje foi lá que os conheci. Conversava-se e discutia-se sobretudo, horas sem fim. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

O João é muito afectuoso e foi quase amizade à primeira vista. Nós parávamos todos no Vává, o João tinha vindo de França, se não estou em erro, de um curso com o Michel Rocard. Havia o grupo dos cineastas e ele foi rapidamente enfiado no grupo deles. Não era aparentemente um cinéfilo, mas era. Seguiu profundamente os filmes que saíam em Lisboa e discutia connosco. [...] Tinha um grande sentido de humor, com uma crítica muito inteligente e muito divertida. E um grande prazer na conversa. Era um conversador extraordinário. [...]

Aquele grupo do Vává tinha uma característica, é que por um lado havia os cineastas, mas havia durante a semana, pelo menos uma vez, um almoço em que o João participava com os associativos políticos, com o Armando Trigo de Abreu, o Jorge Almeida Fernandes, a Fátima Patriarca, o Simão Santiago, a Nina, a Milice, a Lena Carneiro e outros. [...]

O João foi-nos dando uma leitura mais profunda do país, de Portugal, através de uma leitura política, particularmente na área económica, na área industrial [...] Foram tempos vitais para a nossa formação e nesse sentido o João foi muito importante, porque fez-nos perceber que tudo era político, até o quotidiano. Era exactamente por aí que o João era fantástico. O quotidiano é político e é tudo uma questão de carácter. De inteireza de carácter. Isso o João tinha, era um modelo para nós. [FERNANDO LOPES]

Num dia de 66, apareceu no Vává um personagem que parecia pertencer a outro filme: emprego de bom nível, experiência variada em actividades industriais (química, aço, vidro, CUF, Siderurgia, Alemanha, Áustria,

Venezuela) seguida de estudos no Institut des Sciences Sociales du Travail em Paris... Era o João. Um trunfo nas longas discussões em que se falava de tudo (vida, política, ética, artes, teatro, cinema, países, viagens, nada!). Encontrámos todos um novo amigo. E aprendemos o caminho para novos locais de observação. Connosco o João partilhou vida, amizade, curiosidade e, estou certo, ternura (nunca nomeada).

O João não me perdoaria qualquer, descuidadamente sentida que fosse, insinuação elogiosa. [SIMÃO SANTIAGO]

1966

Passa a viver na Rua Fialho de Almeida, em Lisboa.

1966-1968

Faz parte da redacção da revista Seara Nova.

Quis escrever. Começo a escrever na Seara Nova. Não é por acaso que o meu primeiro artigo é sobre “As relações humanas na empresa”. Fico na Seara dois ou três anos e depois passo para O Tempo e o Modo. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

1969-1971

Faz parte do grupo que lançou a segunda série da revista *O Tempo e o Modo* dirigida por João Bénard da Costa, que deixa em princípio de 1971, quando a revista ficou sob controlo do MRPP (Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado).

Foi um período muito interessante (antes daquilo ser dominado pelo MRPP), com um grupo de cerca de 30 pessoas que reuniam até às tantas da madrugada a discutir política, a discutir tudo. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

*Quando o João estava no Tempo e o Modo, a revista decidira publicar um artigo que veio a ser “A Longa Descoberta do Caminho Marítimo para a Europa”. Quis o João associar-me a esse projecto desde o início. Já em 1969, tínhamos trabalhado com mais alguém no livro *Crítica a alguns aspectos do Plano de Fomento*, publicado sob o pseudónimo colectivo *Álvaro Neto*. Passámos algumas boas horas a refazer o roteiro para a Europa. Nada me deu mais satisfação do que ver o João ir bastante mais além através*

do Pensar Portugal Hoje, merecidamente o livro de referência da esquerda não sectária que começava a ganhar corpo depois das eleições de 1969.

[J. CRAVINHO]

1969

Integra a equipa que publica o livro *Crítica a Alguns Aspectos do Plano de Fomento* (ed. Seara Nova), com o pseudónimo Álvaro Neto.

Em fins de 1969 colabora na campanha da CDE (Comissão Democrática Eleitoral)

1970-1972

É assistente de Economia Industrial no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (I.S.C.E.F., actual I.S.E.G.), a convite de João Cravinho.

As aulas que dávamos no ISCEF tinham filiação num plano pedagógico estruturado mas não seguiam o modelo tradicional. Privilegiava-se a exposição e, sobretudo, a discussão da estrutura sistémica das economias industriais contemporâneas, segundo interpretações plurais. Pessoalmente tirei enorme satisfação dos contributos que o João dava em diálogo com os estudantes, nomeadamente quando se discutiam as ideias, bem diferentes, de Galbraith e Baran e Sweezy. [J. CRAVINHO]

1970

Casa com Fátima Bonifácio em 1970 e passa a viver na Rua Ribeiro Sanches, à Lapa, e mais tarde, em 1976, na Estrada das Laranjeiras.

1971

Publica o seu primeiro livro *Pensar Portugal Hoje* (Edições D. Quixote). Os 3000 exemplares da 1ª edição esgota num mês. O livro é reeditado no mês seguinte.

O livro é gerado no Tempo e o Modo. Foi editado pela D. Quixote e saiu em Janeiro de 71. A situação estava de tal maneira alterada no Tempo e o Modo, que cheguei a ter, internamente, um julgamento político. Fui acusado de tudo e mais alguma coisa, por gente muito respeitável que por aí anda. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

O João Martins Pereira tinha uma grande capacidade analítica e uma grande capacidade crítica e o Pensar Portugal Hoje era uma proposta de reflexão do país, à esquerda. O livro tinha uma conceptualização ideológica forte, mas não era um livro de chavões, não fazia as leituras que na altura eram as convencionais da esquerda. Era um livro aberto, com uma grande frescura analítica, que se opunha àquelas ortodoxias que às vezes não tinham grande apoio na realidade. Não era um livro a preto e branco. [J. CRAVINHO]

1972

Nasce, a 31 de Maio, a filha Marta.

1974

Publica *Indústria, Ideologia e Quotidiano* (ensaio sobre o capitalismo em Portugal), nas Edições Afrontamento.

O segundo [livro] – Indústria, Ideologia e Quotidiano – sai pouco depois do 25 de Abril. Já estava escrito antes, claro. Tive apenas que introduzir algumas correcções, ou melhor, observações novas, muito a quente, sobretudo nos capítulos sobre a “Ideologia e o Quotidiano”. Eu diria que o texto sobre o “Quotidiano” é ainda bastante actual. Mesmo com toda a carga da linguagem de inspiração marxista... Aliás, nunca fui um marxista dogmático. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

Mas o livro permanece como um dos poucos estudos sobre as condições da perequação da taxa de lucro na economia portuguesa, discutindo, através de dados empíricos e de um estudo cuidadoso, a evolução da composição orgânica do capital e da extracção de mais-valia sector a sector. Não existe, ainda hoje, nada de comparável nos estudos sobre a economia portuguesa. [F Louçã]

Colabora no livro *Portugal pode viver sem as colónias?* (Iniciativas Editoriais).

Após o 25 de Abril participa em reuniões preparatórias do lançamento do MES (Movimento de Esquerda Socialista) do qual se mantém próximo, sem militância regular activa.

1974–1975

Responsável pela secção económica da revista *Vida Mundial*, a convite do director Augusto Abelaira.

Como toda a gente desse tempo interessada no que se passava aqui e no mundo, fui [Adelino Gomes] um leitor fascinado dos teus textos na Vida Mundial e, claro, do Pensar Portugal Hoje. Via-te como um maître à penser discreto de uma esquerda não alinhada que não se revia nem no PCP nem no maoísmo.

[ADELINO GOMES, 2009]

1975

Entre Março e Agosto de 1975, é secretário de Estado da Indústria e Tecnologia do IV Governo Provisório, presidido por Vasco Gonçalves, a convite de João Cravinho, ministro da Indústria e Tecnologia. Cabe-lhe nacionalizar as grandes empresas industriais, a siderurgia, os cimentos, os estaleiros navais, a química pesada, a petroquímica, as celuloses.

O João Martins Pereira nunca tinha querido estar na acção política directa, assumir cargos políticos. Mas quando o fui convidar nessa altura, ele achou que não era possível dizer que não. Tinha a noção que se tratava de um momento-chave. [J. CRAVINHO]

A passagem do João pelo IV Governo Provisório teria precisado de mais alguns meses, poucos, para nos deixar valiosas propostas de reestruturação industrial de sectores ligados às nacionalizações ou a encomendas públicas. Designadamente, o João estava a preparar um programa de reactivação da metalomecânica na base de uma coordenação descentralizada com ampla participação da Comissão de Trabalhadores. A crise do início do Verão de 1975 corta cerce o avanço desse programa, então já muito próximo da conclusão. Poder-se-á recuperar a respectiva documentação? [J. CRAVINHO]

Pede a demissão a 14 de Julho e escreve uma carta explicando a sua decisão. A imprensa dá-lhe grande destaque, publicando a carta na íntegra.

O livro *Portugal: momentos críticos* (Zero S.A., Bilbao, 1975) inclui a tradução da entrevista dada ao *Diário de Notícias* (17 Jun. 1975) “La dinamización del sector industrial pasa por el control de los trabajadores” e a carta

de demissão de secretário de Estado da Indústria “La dimisión de Martins Pereira” (*A Capital*, 17 Jul. 1975)

Publica *Portugal 75: dependência externa e vias de desenvolvimento* (Iniciativas Editoriais)

Colabora no livro *Debate sobre o Programa de Política Económica e Social* (Moraes Editora).

1976

Apoia Otelo Saraiva de Carvalho como candidato à Presidência da República. Escreve em Janeiro de 1976 uma carta aberta a Otelo que é publicada em jornais portugueses e franceses: «Senhor Major»: Lettre ouverte à M. le Major Otelo Saraiva de Carvalho», é recolhida em *Le Portugal d’Otelo* (org. Jean-Pierre Faye, Comité Russell/Lattès, Paris, 1976)

Publica *O Socialismo, a Transição e o Caso Português* (Bertrand). Foi feita a tradução para francês para as Éditions Rupture, que anunciaram a sua publicação no Outono de 1978, mas o livro não chegou a sair.

O livro é o mais teórico que Martins Pereira escrevera até então, porque analisa todo o debate soviético sobre a transição para o socialismo, incluindo a discussão detalhada dos contributos dos “excomungados” (Trotsky, Bukharine, Preobrajensky) mas também de Rosa Luxemburgo e Gramsci ou, de uma geração mais recente, de Che Guevara. [F. Louçã]

1976–1977

De Abril de 76 a Dezembro de 77, é director interino do semanário *Gazeta da Semana*, um jornal sem publicidade, feito por jornalistas (Jorge Almeida Fernandes – director-adjunto interino –, José António Salvador, Adelino Gomes, Joaquim Furtado, entre outros) e não jornalistas, paginado por Zé d’Almeida e ilustrado por este e João Botelho.

Em fins de 1975, princípio de 1976, começámos a discutir, por iniciativa do Jorge [Almeida Fernandes], o lançamento de um semanário tendo o “Libé” do Serge July como referência. Pertenceu ao JMP e a mim próprio a tarefa de fazer o orçamento previsional para o lançamento do semanário e fizemo-lo com entusiasmo embora os capitais próprios não fossem grande coisa o que

deu origem a uma vida curta do projecto. Mas o entusiasmo, o voluntarismo e a esperança ingénua eram avassaladoras. [JORGE RICARDO]

A ideia partiu de jornalistas que deixaram o República quando ele acabou, em fins de Dezembro de 1975. Imaginaram um projecto diferente, um jornal que associasse jornalistas e intelectuais (não jornalistas). A ideia partiu de Alexandre Oliveira, José António Salvador e Jorge Almeida Fernandes. A primeira pessoa chamada para o barco foi o João Martins Pereira. Depois entram o Jorge Ricardo e o Zé d'Almeida. Em meados de Janeiro há já uma equipa a trabalhar – em Lisboa e no Porto – a discutir a linha editorial e a montar a estrutura. A Gazeta sai a 1 de Abril. JMP é o “director interino”. Os seus textos são em grande medida os editoriais.

A Gazeta tinha dois círculos. Um núcleo de jornalistas profissionais e um colectivo composto por todos os redactores e colaboradores, que se reunia semanalmente e onde eram tomadas as decisões editoriais “estratégicas”, discutindo pela noite fora. Este colectivo era a Gazeta. Concebia-se como um jornal do “movimento” e de ideias. Excluía qualquer “contaminação” partidária mas não a manifestação de opções políticas. Apoiou, por exemplo, a candidatura de Otelo mas reportou-a criticamente. Ao contrário do República não se concebia como “espelho” das lutas sociais. Se funcionava como animador, via-se sobretudo como pólo de reflexão e inovação. Ponto de honra: tal como a futura Gazeta do Mês, pagou as contas e não deixou dívidas. Acabou com uma festa, no Pavilhão dos Desportos, porque o seu tempo se esgotara. [JORGE ALMEIDA FERNANDES]

Tão-pouco é por acaso que as salas da redacção, para além de lá se ter feito o jornal, tenham sido ao mesmo tempo lugar de encontros/desencontros, de amores/desamores, de amizades para a vida, burburinho de conversas, de ideias, de reuniões quantas vezes ao rubro, como as de cada vez que o jornal esteve por um fio. [...] A última página do jornal [...] terá sido a expressão de que não queríamos tabus, como são (eram) geralmente vistas pela esquerda revolucionária “as questões de vida” ou de “quotidiano”, onde se incluem obviamente as “formas de linguagem”. Numa palavra, achávamos que tudo isto era política, e sobretudo não queríamos tornar-nos “respeitáveis”. [JMP, REVISTA ABRIL EM MAIO, 1999]

Mas num plano mais pessoal, o que recordo de uma forma ainda hoje agra-

decida é o convívio em torno do projecto – fascinante, original, único – da Gazeta da Semana (e, depois, da Gazeta do Mês).

Ouvir-te – já agora deixa-me acrescentar também o nome do Jorge [Almeida Fernandes], que a ti sempre associo, na discrição e na capacidade de descobrição do que se vai passando – nas reuniões e ler-te depois nas páginas do jornal dava outro fundamento àquilo em que gostava de acreditar. E questionava-me aquilo que antes de te ouvir ou ler tinha por adquirido, e que assim me via obrigado a reavaliar com maior exigência. [ADELINO GOMES, 2009]

1978

Colabora no livro *Solutions socialistes* (org. Serge-Christophe Kolm, Ramsay, Paris).

J'ai trouvé en France deux textes de João Martins Pereira, en français. Dans de vieux livres des années 70 (*Solutions socialistes d'un certain Kolm et Le Portugal d'Otelo de Jean Pierre Faye*). Deux très beaux textes, écrits directement en français par lui. Et si les livres en question ont quelque peu vieilli, dans leurs formes et leurs contenus, les textes de João Martins sont, eux, d'une modernité étonnante, d'une vivacité étincelante. J'ai été très surpris, et très ému. Ce qu'il dit il y a déjà trente ans, il pourrait le répéter in extenso aujourd'hui, devant nous, avec la même pertinence et la même acuité. Au travers de ces deux petits textes, c'est une véritable leçon qu'il nous donne. Il faut être particulièrement curieux de tout, éveillé sur le monde et cultivé pour en être à ce point capable. [JL DOUAREC, 2009]

Morte da mãe a 14 de Agosto de 1978.

Divorcia-se de Fátima Bonifácio em 1978.

1979

Sai a 3ª edição de *Pensar Portugal Hoje: Os caminhos actuais do capitalismo português* (Dom Quixote), com uma introdução.

A partir de 1979, é consultor de diversas entidades, entre as quais o IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas Médias e Empresas Industriais)

A colaboração do Engenheiro João Martins Pereira com o IAPMEI iniciou-se

em 1979, por sugestão do seu amigo Engenheiro Acácio Barata Lima, mantendo a partir dessa data uma longa colaboração regular com a instituição, apoiando a Direcção de Serviços de Promoção do Investimento e Análise de Projectos (SPLAP), vindo a ser um dos pilares das actividades desenvolvidas durante toda a década de 80, na área da promoção do investimento e no incentivo ao desenvolvimento industrial, no segmento das PME.

[HENRIQUE MARÇAL]

1980

Director da *Gazeta do Mês*, que durou três números.

A Gazeta do Mês, dois anos depois, foi uma ideia do João Martins Pereira. No núcleo duro estão JMP, JAF e João Botelho que além do projecto gráfico foi determinante na concepção editorial. Se a Gazeta da Semana foi marcada por mobilização e efervescência, a Gazeta do Mês aparece num “momento frio”, após o fim da revolução, no refluxo. Uma das “tarefas” era exactamente fazer a passagem para a “democracia normal” enquanto voz crítica. Não acabou por razões económicas mas pela dificuldade de ter colaboradores e leitores “intensos” como em 1976. Em contraponto, surgiu um fenómeno inesperado: os pintores. Recebiam os textos e um ou dois dias depois enviavam as ilustrações. Alguns pouco tinham a ver com a origem ou a história dos redactores. Reconheciam-se na inovação.

Lembro três figuras que, como o João, já morreram. O Mário Botas a vir à noite à casa da Pinheiro Chagas para entregar o seu desenho, na companhia do seu imenso cão. A Fernanda Tomás, que foi dinamo e trave mestra do projecto. O Rodrigues da Silva, o raro jornalista que teve uma disponibilidade quase quotidiana. Acabou, na véspera de sair o quarto número, porque os seus leitores não teriam ainda chegado. [JORGE ALMEIDA FERNANDES]

Publica *Sistemas Económicos e Consciência Social – para uma Teoria do Socialismo como Sistema Global* (Fundação Calouste Gulbenkian)

É um estudo sobre os debates mais actuais sobre o “socialismo de mercado” e outras alternativas, nomeadamente as críticas de János Kornai contra a economia neoclássica de equilíbrio. É um inventário incontornável sobre a crise das economias e dos sistemas de planificação autoritária, e isto uns bons vinte anos antes da queda do Muro de Berlim. Infelizmente, como este livro foi

publicado por uma editora especializada, não chegou às livrarias e quase não foi conhecido (e para mal dos nossos pecados, ainda foi vítima de uma inundação que destruiu grande parte do seu stock). [F. Louçã]

1981

Passa a viver com Manuela Vasconcelos, com quem casará em 1988, morando primeiro na Rua Jorge Barradas e mais tarde, em 1986, na Rua dos Arneiros, em Benfica. Desde aí, passa todos os fins-de-semana na Costa da Caparica, que adopta como “terra”.

1982

A partir de 1982 e até 1999, data em que se reforma, trabalha na Tecninvest, empresa de projectos e consultadoria ligada à Profabril, como director de projecto e consultor sénior.

Em 1974 a CUF chamou-nos ambos para estudar perspectivas de desenvolvimento estratégico das indústrias extractiva e metalúrgica do grupo, constituindo uma pequena comissão de trabalho, que veio a ter existência efémera: a cavalgada revolucionária do 25 de Abril levou os donos e os principais dirigentes do grupo CUF ao exílio, e em breve a comissão se desfez porque não tinha a quem enviar os relatórios... Passado o 25 de Novembro cada um de nós foi para seu lado, ele de volta à Profabril e eu sobrevivendo em tarefas para o Ministério da Indústria. Mas mantivemos frequentes contactos.

O começo da década de '80 voltou a reunir-nos na Tecninvest, então criada pela Profabril, mas por pouco tempo. O João lá continuou por largos anos, até se reformar, embora com várias outras actividades e interesses, e eu segui outros rumos profissionais, porém conservámos os velhos laços; assim, fui acompanhando sempre, de longe e de perto, o trabalho e a importância da acção profissional e pessoal do João e o seu contributo fundamental para o desenvolvimento dos estudos e planeamento das actividades económicas e da indústria em particular, a nível empresarial ou estatal, na vanguarda das metodologias e com uma visão séria, crítica, profunda e muito pessoal. Nunca deixou, aliás, de me presentear com grande parte das obras que foi publicando. A empatia que através de uns quarenta anos nos ligou e a nossa duradoura convivência em largos períodos foram o motor de muitos encontros particulares para conversar, para mutuamente ouvirmos as nossas opiniões, para debatermos conjunturas e soluções – até escassos

anos antes da sua “partida” em 2008. Olhando agora para esses tempos, sinto que tive o privilégio de conhecer e privar com um Homem singular, como poucos que encontrei na vida. E recordo o que me contou há uns trinta anos: perguntado por colegas da política como era possível continuar a dar-se com alguém (que era eu) que fora administrador dos Mellos da CUF, respondera apenas: “É que somos amigos.” [ALVES DA SILVA]

1982–1983

É membro da Comissão Consultiva do Departamento de Engenharia Química da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, a convite do Prof. Augusto Medina.

1984

Publica *No Reino dos Falsos Avestruzes – um olhar sobre a política* (A Regra do Jogo).

Há livros que, antes mesmo de serem lidos ou sequer folheados, só pelo título, parecem prometer descobertas que estranhamente nos atraem e inquietam. Um pouco como se deles esperássemos uma revelação e ao mesmo tempo teméssemos que essa tão alta expectativa não resistisse aos primeiros minutos de leitura. Nessa incerteza vivemos algum tempo, alimentado de uma calma tensão que afinal nos prepara para o momento da verdade, do qual surja algo de decisivo que só pode ser a decepção ou o deslumbramento. O No Reino dos Falsos Avestruzes é, para mim, um desses livros, cujo título improvável e algo misterioso foi a antecâmara para os momentos de prazer anunciados (e plenamente alcançados) da sua leitura. [MANUELA CRUZEIRO]

1984

Participa no colóquio “Portugal 1974-1984 – Dez anos de transformação social”, em Coimbra, comemorativo dos 10 anos do 25 de Abril.

1985

Vota Pintasilgo para as eleições presidenciais.

Posto isto, vou votar Pintasilgo, com tudo o que nela me irrita, e que nela rejeito, e que nela temo (se for eleita). Simplesmente, é lá que estão “os meus”. Talvez tenha sido por isso – para me certificar – que quis ontem ir ao comício de fecho no Pavilhão [dos Desportos]. E, de facto, eles lá estavam: os conheci-

dos e os desconhecidos. Aqueles que ainda são capazes de “loucura”, de “sair para fora do quadrado” (o famoso problema, referido nos homens de Palo Alto, e que pela primeira vez me foi posto pelo João Cutileiro), de ter esperança quando tudo parece fechado. [...] Que se suspeite em Portugal que a Pintasilgo pode ganhar umas eleições por voto directo e universal – isso é já uma espantosa “vitória”. Que ela vá reunir, no mínimo, perto de 1 milhão de votos – é qualquer coisa de impensável, para candidato “análogo” em qualquer desses países [europeus]. É isto a verdadeira e persistente herança do 25 de Abril: 1 milhão de “cidadãos” continuam a procurar, a interrogar-se, a duvidar do “instituído”. [JMP, CADERNO DE NOTAS, 1985]

1987

Participa na V campanha para as eleições europeias do PSR.

Em 87 foram as primeiras eleições europeias. E cada partido fez duas campanhas ao mesmo tempo. O PSR fez uma campanha para as europeias diferente: havia muitos independentes na lista e os candidatos estavam ordenados por ordem alfabética. O Jorge Silva Melo, o Luís Miguel [Cintra] e eu [Eduarda Dionísio], entre outros, fomos candidatos para dizer – à nossa maneira – que não queríamos esta Europa. Mas ele [JMP] não quis ser candidato, nunca quis ser, nunca queria aparecer publicamente, e então na televisão... Isto custou-me sempre muito, porque eu achava que ele aparecer publicamente dava uma força às coisas e uma explicação clara às coisas, que eu pessoalmente não era capaz de dar. O Jorge Silva Melo e eu fizemos o borrão dos textos que foram lidos nos tempos de antena da televisão. Eu sempre com ele [JMP] na cabeça. Assim: ele achará bem isto?, ele achará mal aquilo?, isto será disparatado?, serão as tais coisas demagógicas?... Nenhum daqueles textos foi lido sem ele ter revisto tudo. Por acaso até tinha, não sei se ainda tenho, por causa dum incêndio [na casa da Rua dos Remédios], os papelinhos que eu batia à máquina – que nessa altura ainda era bater à máquina – com a letrinha dele nas margens, a fazer as correcções todas que deviam ser feitas naquela frase, que não eram correcções de fundo, ele estava de acordo com o que estava escrito, mas ia dando números, ia dando exemplos [...], punha aquilo de uma forma mais rigorosa, com um rigor que eu não tenho, ainda por cima eram assuntos que não são muito os meus, porque não sei economia, porque não sei política, e ele sabia ligar essas coisas todas, sendo ao mesmo tempo uma pessoa que lia

muita literatura, via muito cinema, e portanto também tinha as mesmas referências que eu tinha, mas que estavam depois todas filtradas por um pensamento que eu nunca tive, e por isso era a pessoa a quem eu sempre recorria: se ele estivesse aqui, como é que ele respondia?, se ele estivesse aqui, o que é que dizia? E por aí fora ...

Ele estava sempre nos bastidores. [EDUARDA DIONÍSIO]

Entra para a redacção do jornal *Combate*, onde publicará numerosos artigos, crónicas e notas, entre 1987 e 2003.

Mas continuo a escrever para o Combate. Desde há quinze anos. Mais de uma centena de artigos. Que escrevi com o mesmo rigor, com a mesma pesquisa documental, como se fosse para um jornal com uma tiragem de 50.000 exemplares. [...] Foi uma experiência altamente gratificante. Aliás, a restante comunicação social foi-me sempre mantendo a distância, o que é compreensível. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

Logo a seguir à campanha de 87, o PSR entendeu que o jornal Combate devia mudar [...]. A redacção tinha mais independentes, que tinham entrado na campanha e estavam de acordo com aquilo, do que militantes do PSR. Deixou de ser o órgão do partido, digamos, e ainda durante alguns anos as reuniões periódicas da redacção eram em minha casa [...]. Nessas reuniões da redacção – era de facto uma redacção, via-se o que é que se ia escrever, distribuíam-se as coisas, reviam-se, etc. – ele era completamente fundamental porque tinha uma visão muito mais geral das coisas, sabia muito mais coisas, e sobretudo tinha uma organização que os outros não tinham, tinha dossiers sobre os assuntos mais inacreditáveis do mundo, sempre interessantes, e eu lembro-me de ter escrito vários textos para o Combate – uns pequenos, outros grandes – sobre assuntos, de que não sabia absolutamente nada ou quase nada, só na base dos recortes que ele me fornecia, e que também fornecia a outras pessoas para escreverem. [...] Dizia coisas que as pessoas não sabiam e perspectivadas de outra maneira. [...] Além de entregar sempre os artigos a horas e ter um espírito de síntese espantoso. Eu precisava de dez páginas para dizer uma coisa e ele em duas dizia mil vezes mais. Ou seja, também na redacção do Combate aprendi imenso a fazer as coisas com ele. [EDUARDA DIONÍSIO]

Louçã não se limitou a concordar com os meus postulados [João Mesquita]. Foi mais longe, aceitando que o jornal [Combate] deixasse mesmo de ser o órgão central do PSR e que a redacção comportasse uma maioria de não militantes do partido. Propunha, não duvido que já em sequência dos contactos estabelecidos, dentro e fora da sua organização, que o corpo redactorial ficasse assim constituído: ele próprio, Francisco Louçã, Heitor de Sousa, Manuel Videira (todos “socialistas-revolucionários”), João Martins Pereira, Eduarda Dionísio, Jorge Silva Melo e João Mesquita (sem qualquer filiação). [...] As reuniões, em princípio quinzenais, começavam praticamente a horas: 21 e 30. À meia-noite, salvo razões muito ponderosas, estavam terminadas. Nada que impedisse os mais noctívagos de, por vezes, ficarem à conversa pela madrugada fora... [...] E por isso nos custa muito mais, a nós que ainda cá andamos, o desaparecimento de alguém como o João Martins Pereira, que era, para além das suas enormes qualidades intelectuais e humanas, um dos grandes cultores dessa amizade. Uma amizade que não impedia a discussão acesa, normalmente centrada nos temas que dominavam cada número do jornal e na escolha das pessoas, a nosso ver, mais capazes de os tratarem, sob diversos pontos de vista. [JOÃO MESQUITA]

1989

Publica *O Dito e o Feito – cadernos 1984 -1987* (Edições Salamandra), livro em forma de diário.

Se hoje começasse umas memórias, seriam talvez estas as primeiras frases: «Aos 51 anos, olho para trás e tenho a sensação de ter “gerido” a minha vida com razoável sucesso. E, no entanto, focando a vista para o detalhe, dou-me conta de que, como toda a gente, o que fiz foi “viver às apalpadelas”. O balanço das boas e más sortes foi-me favorável, e eu limitei-me, em meia dúzia de momentos cruciais – que são quantos há numa vida – a ser capaz de decidir por mim próprio da vereda a seguir, sem angústias excessivas sobre o que poderia ter acontecido se por outra tivesse tomado. [...] Foram sempre os pequenos prazeres do ‘logo à tarde’ ou do ‘logo à noite’ que me ajudaram a sobreviver, e não qualquer longínqua certeza ou desígnio. E se alguns planos fiz, foram sempre de curto prazo, para me libertar de tutelas insuportáveis e aumentar a margem desses pequenos prazeres. Pequenos, mas não diria fúteis: a conversa de café (ou a saborosa solidão do café), as leituras, os cinemas, os encontros, os amores passageiros,

os passeios pela cidade, os pés de dança, mais tarde as viagens, as chamadas “ações colectivas” (não diria, no meu caso, militantes). Para não falar dos prazeres maiores, das amizades, dos amores ‘definitivos’, e também da Gazeta e das escritas. Tudo isto foi a construção de mim próprio, num pano de fundo de enorme curiosidade pelo futuro, que sempre foi para mim uma aventura no desconhecido, nunca um projecto. [JMP, O DITO E O FEITO]

1990–1991

Colabora com a Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo, do Instituto do Emprego e Formação Profissional, onde elabora vários pareceres e estudos, em particular na área da formação profissional.

1991–1992

Participa, a convite do Prof. Mariano Gago, no Grupo de Trabalho do Instituto de Prospectiva (de que fazem também parte o Prof. Ernâni Lopes, o Prof. João Ferreira do Amaral, o Prof. Carlos Noéme, o Prof. João Ferreira de Almeida, o Dr. Joaquim Aguiar e o Dr. Lino Fernandes), que elaborou o relatório português (de que foi relator) para o estudo “The European Challenges Post-1992” da Célula de Prospectiva da Comissão Europeia.

Faz uma comunicação intitulada “A indústria perante o desafio da investigação: divórcios, equívocos e mitos” no colóquio “Denúncia do Atraso Científico Português”, Grémio literário, 1991.

Participa em vários dos Encontros de Prospectiva realizados na Arrábida.

Participa desde 1992 na coordenação da equipa do Instituto de Prospectiva responsável pelas contribuições nacionais para o Observatório Europeu das PME.

1993

Coordena, com Francisco Louçã e João Paulo Cotrim, uma antologia de textos de vários autores, entre eles JMP, publicados no jornal *Combate*, intitulada *À Esquerda do Possível* (Edições Colibri).

Ainda no âmbito da sua colaboração com o IAPMEI, entre 1993 e 2001, escreve argumentos para vídeos de empresas, recolhendo materiais, visitando fábricas e realizando entrevistas. Foi um dos trabalhos que mais lhe agra-

dou, porque aliava o conhecimento de novas fábricas à escrita e ao prazer do convívio com a equipa de realização.

1994

Nos 20 anos do 25 de Abril, é um dos fundadores da Abril em Maio – Associação Cultural, onde colabora durante 10 anos.

Em 1994, houve umas comemorações verdadeiramente horríveis dos 20 anos do 25 de Abril, entre militares e partidos. [...] As pessoas que se reviam no 25 de Abril mas não naquelas comemorações queriam dizer que existiam e descolar das comemorações do 25 de Abril. Então apareceu aquela ideia: em Maio é que é. [...] E é evidente que aquilo tinha que ter uma convocatória para explicar aos outros o que aquilo era e assinaturas de pessoas mais ou menos importantes, com vida social e política interventiva. E é evidente que foi ele que escreveu o papel, exactamente com aquilo que eu pensava e escrito com aquela forma sucinta que é a dele: em meia página diz-se aquilo que eu levaria dez páginas a escrever. Era a pessoa indicada para escrever aquilo, escreveu e eu uso imensas vezes as próprias frases daquele textinho. Que terminava com uma pergunta: E porque não um projecto? E porque não um projecto? Só com aquela frase ultrapassou completamente aquilo que a gente andava a fazer, porque o que a gente andava a fazer era um fim-de-semana, aliás, dois fins-de-semana, em que aparecêssemos, mostrássemos coisas que não se mostravam, coisas mais de minorias, apesar de poderem ser de maiorias [...] e com aquele E porque não um projecto? percebeu-se que ali ia começar qualquer coisa. A Abril em Maio nasceu como acho que as coisas devem nascer, sem impor às pessoas uma coisa feita. E aquela pergunta E porque não um projecto? foi fundamental para a forma como aquilo foi avançando. Ele, na Abril em Maio, teve um papel importantíssimo, e trabalhou sempre. Socorri-me de imensos livros dele, de imensas coisas dele, para as agendas, os Cadernos do elefante, em que ele teve sempre um papel fundamental. Naquele sobre a Expo 98, foi ele que escreveu as introduções que abrem cada mês, sobre a questões que a Expo punha, etc. e tal. Esses textos são da autoria dele, e só dele, mas não estão assinados. Reconheciamo-nos todos neles. [EDUARDA DIONÍSIO]

Faz uma conferência intitulada «Indústria e Sociedade Portuguesa Hoje», no âmbito das “Conferências de Matosinhos – 1ª série”, em 14 de Abril

de 1994, que será publicada pela CMM/Página a Página, em 1995.

1995

A partir de 1995 participa na realização de vídeos empresariais para dezenas de empresas industriais, encomendados pelo IAPMEI.

1996

A partir de 1996, faz parte da Comissão de Selecção e Acompanhamento de Acções de Investigação em Consórcio financiadas pelo programa PRAXIS XXI – Medida 3.1b), no âmbito da sua colaboração com a Agência de Inovação.

1997–1998

Coordena um estudo de detecção de empresas inovadoras para a Agência de Inovação.

1998

Participa no colóquio internacional “Em tempo de Expo há outras histórias para contar”, organizado pela Abril em Maio.

1999

Nasce em Londres, a 8 de Fevereiro, o neto Afonso.

Participa, com uma intervenção de fundo, na convenção fundadora do Bloco de Esquerda.

Em poucas palavras e, no essencial, [o BE tem desempenhado] um papel muito importante: levantar problemas, ou em que ninguém tinha pensado antes, ou em que ninguém tinha pensado “dessa” maneira. O Bloco tem forçado a Assembleia a discutir coisas que não estavam na agenda, que nunca tinham sido agendadas. E tem proposto, regularmente, ideias novas à mesa [da Assembleia]. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

Colabora em *Maió dia-a-dia*, que é um levantamento minucioso dos acontecimentos de Maio 1974, a partir da imprensa da época, que teve uma edição policopiada em 1999, feita na Abril em Maio, tendo sido posteriormente publicado, em 2001, pela Salamandra.

Lembro-me muito bem de ele dizer, e com toda a razão, quando fez a parte do seu trabalho, fundamental para nós, no Maio dia-a-dia, que estava em completo desacordo com a grelha a preencher, porque ela não punha em realce as questões económicas. E lembro-me de ele ter dito que aquilo estava tudo mal feito, que eu tinha a mania de achar que não existia economia – eu acho que há economia, percebo é pouco ou nada... Aquilo que ele achava que era a base não estava na grelha separado de outras coisas, essas menos importantes para ele. Eu é que tinha feito a grelha, para permitir a distribuição do trabalho por uma data de pessoas, com formações e idades muito diferentes. Lá estavam as entradas para os factos políticos, culturais, e mais não sei quê... não estavam era as entradas para os factos económicos. Mas mesmo assim aceitou fazer o trabalho que lhe foi distribuído de levantamento e preenchimento da grelha como estava, igual ao que os outros todos fizeram. Acho que até gostou de o fazer, viu coisas em que talvez não tivesse reparado antes, etc. E fez aquilo de uma maneira que outros não fizeram. Era um trabalho complicado, de rigor e de leitura. Acho que lhe agradou ter participado, mas gostava de ter feito aquilo de outra maneira. [EDUARDA DIONÍSIO]

1999–2000

Participa na Comissão Organizadora/Conselho Científico da Exposição “Engenharia em Portugal na segunda metade do século XX”.

2000

Participa no Painel de Avaliação do Concurso “Internacionalização da I&D em Consórcio”.

2001

É entrevistado por Maria João Seixas para o jornal *Público* (revista “Pública”)

Foi, numa brevíssima passagem pelo poder executivo, secretário de Estado da Indústria do IV Governo Provisório. O ministro que para tal aventura o convenceu era João Cravinho, seu amigo. Na época dizia-se da equipa: há o João que ri (Cravinho) e o João que chora (Martins Pereira). Trata-se então de um acabrunhado, alguém a quem as dores do mundo parecem pesar, sem remissão, sobre os seus ombros? Nada disso! Tem um sentido de humor muito lisboeta, quase ladino, consegue gostar de petiscos sem gostar de vinho

(um estranho pecado original!), procura o sol como um gato e atira-se ao mar como um peixe, pode passar horas a saborear uma conversa, perde-se por um pezinho de dança e era vê-lo ligeiro como um bailarino, a voltear por boleros e rumbas. Só que este lado da vida, este modo como a habita, não a mistura nem a pratica no mundo do trabalho. É intra-muros que a amizade, com os seus ritos de prazer e descompressão, deve ser vivida. Surpreende-o o meu convite e hesitou em aceitar: “Porquê eu, que não faço parte do mundo dos “conhecidos”. Que estou cada vez mais carregado de dúvidas?” Sabes, João, interessam-me mais as tuas dúvidas do que muitas certezas que por aí vou lendo. Interessa-me mais percorrer, numa conversa a dois, a coerência dos teus passos e do modo de estar no mundo, do que muito das lantejoulas e das piruetas que os “conhecidos” por aí vão ostentando. O teu envolvimento empenhado nas questões políticas ajudou-me a perceber melhor o que alimenta as diferentes ideologias, levou-me a interessar-me pelos modos de produção e a não me distrair da natureza essencialmente cúpida do capital. Aprendi contigo que se pode ser firme, sem se ser dogmático. Que estarmos atentos ao que se passa à nossa volta e procurarmos, sem concessões, entender as causas das coisas, é a raiz justa da ética. Que as “decisões” da vida de cada um, só cada um as pode tomar e ser delas responsável. Se muito disto me ensinaste, deverás aceitar, melhor do que ninguém, que não faria sentido deixar passar em branco uma “Conversa com Vista para...” ti. [MJ SEIXAS, ENTREVISTA A JMP, 2001]

Uma posição de esquerda é, e será sempre, a posição daqueles que querem transformar o mundo, isto para utilizar grandes palavras. E, no essencial, para reduzir as desigualdades e aumentar o leque de escolhas das pessoas, logo, a liberdade. Isso é que é o fundamental e isso passa pela política. Para a esquerda, o político é a instância em que se tem de resolver os problemas de uma sociedade. E não o económico, como hoje. Pior que o económico, o financeiro. [...]

Estamos sujeitos, de um momento para o outro, a ter uma crise semelhante à de 1929, sem ninguém saber porquê! Porque as Bolsas, na realidade, são um jogo fundamentalmente especulativo, que têm relativamente pouco a ver com a chamada economia real, e essa é a que se manifesta no nível e na qualidade de vida das pessoas. [JMP, ENTREVISTA DE MJ SEIXAS, 2001]

2005

Publica *Para a História da Indústria em Portugal, 1941-1965: Adubos Azotados e Siderurgia* (Imprensa de Ciências Sociais), resultado de um projecto de investigação que vinha muito de trás e que deixou incompleto, que consistia em fazer o estudo, sector a sector, da indústria portuguesa para tentar compreender as razões pelas quais esta tem uma geração de atraso e as razões do fracasso da burguesia portuguesa como projecto económico e social. Este projecto, realizado no âmbito do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, foi financiado pelo Observatório das Ciências e das Tecnologias, do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Sei da ambição que o João punha na elaboração de uma série de investigações sobre a industrialização pós a II Guerra Mundial em Portugal. O uso e abuso do poder com raízes tão fortes que ainda hoje perduram em alguns campos da vida nacional. O livro Para a História da Indústria em Portugal 1941-1965: Adubos azotados e siderurgia tem uma base de investigação absolutamente invulgar em Portugal, como tive ocasião de relevar quando, a seu pedido, fiz a apresentação do livro. Durante a sua elaboração conversámos várias vezes sobre acontecimentos que ambos vivemos, embora segundo perspectivas profissionais, e outras, diferentes. Foi pena que não tivesse tido a possibilidade de continuar esse projecto. Talvez a exigência de rigor e profundidade estivesse para além do que as nossas circunstâncias admitem. Mas o João era assim. Por isso, temos orgulho em celebrar o seu percurso.

[J. CRAVINHO]

2008

Morre de cancro em Lisboa, em 13 de Novembro.

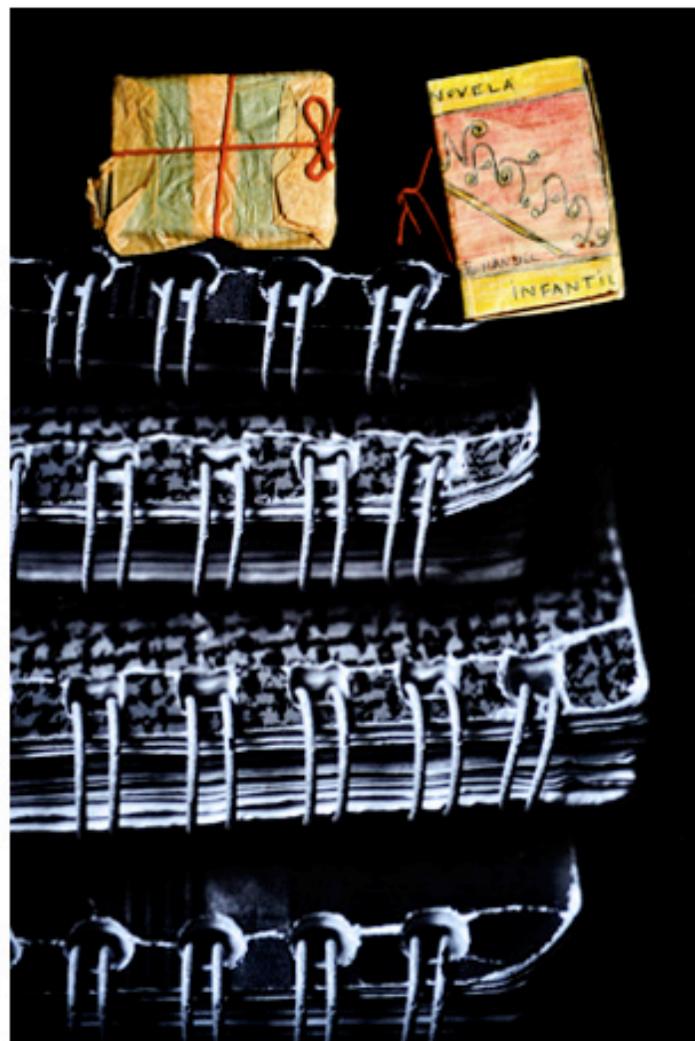
Um manto de esquecimento foi-se estendendo sobre ti, muito antes da doença. Ter-te-ia sido fácil evitá-lo. Ter-te-ia sido fácil, aliás, brilhar com grande intensidade no firmamento mediático e/ou político do Portugal pós-revolucionário.

Se.

Mas tu recusaste. Assim nos dando (recordo nisso o José Afonso e não sei se mais algum) um exemplo raro de uma coerência que não dobrou. Até ao fim.

[ADELINO GOMES, 2009]

BIBLIOGRAFIA ACTIVA



Nota: Os 'links' aqui inseridos fazem ligação a sites externos onde terá acesso a mais detalhes ou, nalguns casos, ao download integral da obra.

OBRA PUBLICADA

1971

Pensar Portugal hoje. Lisboa: Dom Quixote. (Colecção Diálogos).
2ª ed. no mesmo ano.

1974

Indústria, ideologia e quotidiano: ensaio sobre o capitalismo em Portugal.
Porto: Afrontamento. (Colecção Luta de Classes).

1975

Portugal 75: dependência externa e vias de desenvolvimento.
Lisboa: Iniciativas Editoriais.

1976

O socialismo, a transição e o caso português. Lisboa: Bertrand.

1979

Pensar Portugal hoje: os caminhos actuais do capitalismo português. 3ª ed. revista,
com um texto de introdução. Lisboa: Dom Quixote. (Colecção Diálogos).

1980

Sistemas económicos e consciência social: para uma teoria do socialismo como sistema global. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência. (Colecção Centro

de Estudos de Economia Agrária - Instituto Gulbenkian de Ciência). Trabalho realizado com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

1983

No reino dos falsos avestruzes: um olhar sobre a política. Lisboa: A Regra do Jogo.

1986

O dito e o feito: cadernos 1984-1987. Lisboa: Salamandra.

1995

Indústria e sociedade portuguesa hoje. Porto: Página a Página, 1995. Texto da comunicação apresentada nas “Conferências de Matosinhos – 1ª série”, em 14 de Abril de 1994, organizadas pela CMM.

2002

Como entrou a siderurgia em Portugal. Texto da comunicação apresentada ao Seminário “Com os homens do aço”, organizado pelo Ecomuseu Municipal do Seixal em 25 e 26 de Outubro de 2002.

2005

Para a história de indústria em Portugal: 1941-1965: adubos azotados e siderurgia. Lisboa: ICS, 2005. (Coleção Estudos e Investigação, 37). Trabalho realizado no âmbito de um projecto financiado pelo Observatório das Ciências e das Tecnologias, do Ministério da Ciência e Tecnologia, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

2008

As voltas que o capitalismo (não) deu. Lisboa: Edições Combate.

PUBLICAÇÕES EM OBRAS COLECTIVAS

1969

Neto, Álvaro [pseudónimo colectivo] - *Crítica a alguns aspectos do Plano de Fomento*. Lisboa: Seara Nova.

1974

Portugal pode viver sem as colónias? Respondem alguns dos melhores economistas portugueses; João Martins Pereira [... et al.]. Lisboa: Iniciativas Editoriais.

1975

“Carta aberta a Melo Antunes”. In *Debate sobre o programa de política económica e social*. Lisboa: Moraes, p. 47-64. Anteriormente publicada em *Vida Mundial*, 6 Mar. 1975.

“La dinamización del sector industrial pasa por el control de los trabajadores”. In *Portugal: momentos críticos*. Bilbao: Ed. Zero, S.A., p. 25-34. Tradução da entrevista de Mário Rosendo, *Diário de Notícias*, 17 Jun. 1975.

“La dimisión de Martins Pereira: la batalla de la economía exige decisiones revolucionarias”. In *Portugal: Momentos críticos*. Bilbao: Ed. Zero, S.A., p. 109-115. Tradução da carta de demissão, *A Capital*, 17 Jul. 1975.

1976

“Senhor Major : lettre ouverte à M. le Major Otelo Saraiva de Carvalho”. In Faye, Jean Pierre (ed. lit.) - *Le Portugal d’Otelo : la révolution dans le labyrinthe*. Paris : JCLattès, p. 128-133. Tradução da carta publicada em *O Jornal*, 30 Dez. 1975.

1978

“La transition socialiste et la question du pouvoir”. In Kolm, Serge-Christophe (ed. lit.) - *Solutions Socialistes : à propos de «La transition socialiste»*. Paris: Ramsay, p. 249-269.

1984

“O militandismo e os movimentos colectivos”. In Mozzicafreddo, Juan (ed. lit.) - *Os caminhos da liberdade: da idade da razão à idade da revolta*. Lisboa: Espaço Tempo, p. 65-69. Tradução de texto publicado na revista *Esprit*, nº1 (Jan. 1979), p. 44-48.

“Resistir ou re-existir”. In Mozzicafreddo, Juan (ed. lit.) - *Os caminhos da liberdade: da idade da razão à idade da revolta*. Lisboa: Espaço Tempo, p. 183-186. Anteriormente publicado em *A Gazeta do mês*, nº 2 (Jun. 1980).

1993

“Uma história atribulada”. In LOUÇÃ, F.; PEREIRA, J. M.; COTRIM, J. P. (ed. lit.) *À esquerda do possível*. Lisboa: Colibri, p. 22-26.

1996

“A mão pouco visível da Europa”. In LOUÇÃ, F.; COTRIM, J. P. (ed. lit.) - *Papéis 97*. Lisboa, Edições Combate, p. 65-78.

2008

“Saint-Simon: a indústria enquanto utopia”. In *Malhas que a memória tece*. (*Cadernos do Combate 1*). Lisboa: Edições Combate, p. 19-24.

COLABORAÇÕES EM JORNAIS E REVISTAS

ABRIL

1978

– A transição socialista e a questão do poder. *Abri*l, nº 3 (Abr.).

AEIST - Boletim da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico

1956

– Relações exteriores. *AEIST*, nº7 (Mar.).

– A nossa Associação e a F.I.A.N.E. *AEIST*, nº 8 (Abr.).

1957

– Defeitos da formação técnica. *AEIST*, nº 1 (Dez.).

1958

– Os testemunhos duma época. *AEIST*, nº 4 (Jun.).

ANÁLISE SOCIAL

2000

– [Recensão a] Rodrigues, Maria de Lurdes - Os engenheiros em Portugal: profissionalização e protagonismo. Oeiras: Celta, 1999. *Análise Social*, vol. 35, nº 156, p. 805-811.

2003

– Como entrou a siderurgia em Portugal. *Análise Social*, vol. 37, nº 165, p. 1159-1190.

A BATALHA

1974

- Retrato do burocrata. *A Batalha*. 4ª série, ano 1, nº 2 (12 Out.).

A CAPITAL

1975

- A demissão de Martins Pereira: Secretário de Estado da Indústria exige decisões revolucionárias. *A Capital*, 17 Jul., p. 1 e 3.

COMBATE

1987

- A desordem das coisas: sinais. *Combate*, nº 103 (Dez.), p. 12.

1988

- Justiça, negócio, pesadelo. *Combate*, nº 104 (Jan.), p. 12.
- Morreu Marguerite: homenagem a Yourcenar. *Combate*, nº 104 (Jan.).
- Liberalismo e democracia. *Combate*, nº 105 (Fev.), p. 4-5.
- Liberalismo à portuguesa. *Combate*, nº 105 (Fev.), p. 10.
- Concorrência sim para ministros. Concorrência não para amigos. *Combate*, nº 105 (Fev.), p. 10.
- Euroburocracia: história da não-CEE. *Combate*, nº 105 (Fev.), supl. p. 3.
- Thatcher: regresso às origens. *Combate*, nº 105 (Fev.), supl. p. 3.
- Descobrimentos: oiro sobre azul. *Combate*, nº 106 (Mar.), supl. p. 1.
- Outra presidência em Belém. *Combate*, nº 106 (Mar.), supl. p. 3.
- 1968: a Primavera começou em Setembro. *Combate*, nº 107 (Abr.), p. 6-7.
- Fluxo e refluxo das “ideias de Maio”: do amor livre ao amor com controle. *Combate*, nº 108 (Maio), p. 11.
- Terrorismo: como as pessoas de bem gastam o dinheiro. *Combate*, nº 108 (Maio), supl. p. 1.
- Presidências: jogos florentinos. *Combate*, nº 109 (Jun.), supl. p. 1.
- Sacerdócios: e agora, Álvaro? *Combate*, nº 109 (Jun.), supl. p. 1.
- Ciência e felicidade: utopias e contra-utopias técnico-científicas. *Combate*, nº 110 (Jul./Ag.), p. 7.
- Inglaterra: holiganismo e thatcherismo. *Combate*, nº 110 (Jul./Ag.), supl. p. 2.
- Palavras-chave da imprensa portuguesa. *Combate*, nº 111 (Set.), p. 6-7. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 140-147.

- Vitórias: convergências de interesses. *Combate*, nº 111 (Set.), supl. p. 3.
- O.N.P.: novos descobridores. *Combate*, nº 111 (Set.), supl. p. 3.
- Dependência? Sim, obrigado. *Combate*, nº 112 (Out.), p. 3.
- Coisas: o tempo e o nome. *Combate*, nº 114 (Dez.), supl. p. 1.
- Prestígio: figuraça internacional. *Combate*, nº 114 (Dez.), supl. p. 1.

1989

- As caras e as coroas do nacionalismo e internacionalismo. *Combate*, nº 115 (Jan.), supl. p. 4.
- O Norte não é tão conservador como seria de esperar: entrevista conduzida por João Martins Pereira a Nuno Portas. *Combate*, nº 116 (Fev.), supl. p. 6-7.
- Som, ruído, silêncio, fábrica. *Combate*, nº 117 (Mar.), p. 6.
- Autonomias: luta sem quartel. *Combate*, nº 117 (Mar.), supl. p. 2.
- Esquerda: O que é? Quem é? Entrevista conduzida por João Martins Pereira a João Cravinho e José Luís Judas. *Combate*, nº 118 (Abr.), p. 6-7.
- Buracos de ozono e da memória. *Combate*, nº 118 (Abr.), p. 16.
- MEC: um homem “às direitas”. *Combate*, nº 118 (Abr.), supl. p. 3.
- Bolonha: discurso para exportação. *Combate*, nº 119 (Maio), supl. p. 1.
- Buracos: decretos impossíveis. *Combate*, nº 119 (Maio), supl. p. 5.
- Alice no país das maravilhas: Suíça, estranha forma de vida. *Combate*, nº 120 (Jun.), p. 3.
- Antiguidades: os fantasmas acordam. *Combate*, nº 120 (Jun.).
- Ócios & negócios: uma história atribulada. *Combate*, nº 121 (Jul.), p. 8-9. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 29-35.
- Sector privado: mitos e realidades. *Combate*, nº 122 (Set.), p. 4.
- A sociedade competitiva [IN O DITO E FEITO, PRE-PUBLICAÇÃO]. *Combate*, nº 122 (Set.), p. 6-7.
- A guerra pelo sucesso e pelo dinheiro. *Combate*, nº 122 (Set.), p. 7.
- Silêncio: o verde e o negro. *Combate*, nº 122 (Set.), supl. p. 2.
- Algumas questões-chave do ambiente. *Combate*, nº 123 (Out.), p. 3.
- Resíduos tóxicos e perigosos. *Combate*, nº 123 (Out.), p. 6.
- DN: fino humor. *Combate*, nº 123 (Out.), supl. p. 2.
- Notas de um lisboeta. *Combate*, nº 124 (Nov.), p. 5.
- Cinética: o inesperado visitante. *Combate*, nº 124 (Nov.), supl. p. 3.
- Ovelhas: este país industrial. *Combate*, nº 124 (Nov.), supl. p. 2.
- Há 10 anos: 1979. *Combate*, nº 125 (Dez.), p. 3.

- Cavaquismo: um situacionismo caricato. *Combate*, nº 125 (Dez.), p. 4.
- Cavaco: apelos e explicações. *Combate*, nº 125 (Dez.), supl. p. 1.
- O muro e as autárquicas. *Combate*, nº 125 (Dez.), supl. p. 1.

1990

- A inflação dos desejos. *Combate*, nº 126 (Jan.), p. 4. Republicado em *À esquerda do possível*, p. 30-33.
- Três discursos sobre o desejo. *Combate*, nº 126 (Jan.), p. 14.
- Imprensa: autárquicas e jornalistas. *Combate*, nº 126 (Jan.), supl. p. 1.
- Liberdade: Panamá e Bucarest. *Combate*, nº 126 (Jan.), supl. p. 2.
- A aventura mercantil do leste europeu. *Combate*, nº 127 (Fev.), p. 8-9.
- A desordem das coisas: o outro mundo. *Combate*, nº 128 (Mar.), p. 16.
- Nicarágua: uma história dos trópicos. *Combate*, nº 128 (Mar.), supl. p. 1.
- Mergulhos: contra ventos e marés. *Combate*, nº 128 (Mar.), supl. p. 4.
- Os números da justiça. *Combate*, nº 129 (Abr.), p. 7.
- Cultura: exasperar os imbecis. *Combate*, nº 129 (Abr.), supl. p. 2.
- Televisão: claro como água. *Combate*, nº 129 (Abr.), supl. p. 6.
- Empresas para todos os gostos. *Combate*, nº 130 (Maio), p. 4.
- Empresas, sociedade e poder político. *Combate*, nº 130 (Maio), p. 15. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 37-43.
- Memórias: os violinos. *Combate*, nº 131 (Jun.), p. 11.
- Juros: a mina de ouro da EDP. *Combate*, nº 131 (Jun.), supl. p. 4.
- EP's: desnacionalizações. *Combate*, nº 131 (Jun.).
- As lições da história. *Combate*, nº 132/133 (Jul./Ag.), p. 13.
- Nós e a Europa. *Combate*, nº 134 (Set.), p. 3.
- Vasco: povos primitivos. *Combate*, nº 134 (Set.), supl. p. 2.
- Convites: a chama do Golfo. *Combate*, nº 134 (Set.), supl. p. 3.
- A África e o Golfo. *Combate*, nº 135 (Out.), p. 15.

1991

- O médio-oriente: entre as duas guerras. *Combate*, nº 140 (Mar.), p. 4.
- Palestínianos: um povo desalojado. *Combate*, nº 140 (Mar.), p. 10.
- Golfo 1: o povo em armas. *Combate*, nº 140 (Mar.), supl. p. 1.
- Golfo 2: a cidade mártir. *Combate*, nº 140 (Mar.), supl. p. 1.
- Golfo 3: guerra química. *Combate*, nº 140 (Mar.), supl. p. 1.
- Golfo 4: comparações. *Combate*, nº 140 (Mar.), supl. p. 1.
- A casa do fruir. *Combate*, nº 143 (Jun.), p. 11. Republicado em *As voltas*

que o capitalismo (não) deu, p. 153-156.

- A nova ordem. *Combate*, nº 143 (Jun.), p. 12.
- O PS, as caras e as políticas. *Combate*, nº 146 (Set.), p. 3.
- O descrédito das campanhas. *Combate*, nº 147 (Out.), p. 5.

1992

- Três notas sobre o Portugal europeu. *Combate*, nº 152 (Mar.), p. 8-9. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 21-27.
- PEREIRA, J. M.; COTRIM, J. P.; MATIAS, F. - Dicionário das poucas vergonhas. *Combate*, nº 152 [sic] (Abr.), p. 8-9.
- Nacionalizadas e privatizadas. *Combate*, nº 155 (Jun.), p. 7. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 45-50.
- O bode: estilo madeirense. *Combate*, nº 158 (Out.), p. 7.
- Descontas: a ditadura das finanças. *Combate*, nº 158 (Out.), p. 8.
- D'imediato: Angola, a farsa democrática. *Combate*, nº 159 (Nov.), p. 8.
- D'imediato: privatizações históricas. *Combate*, nº 159 (Nov.), p. 9.
- Descontas: onde está o empresário português? *Combate*, nº 160 (Dez.), p. 19.

1993

- Mundos: o admirável mundo civilizado. *Combate*, nº 161 (Jan.), p. 11. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 93-96.
- A democracia do facto consumado. *Combate*, nº 162 (Fev.), p. 7. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 89-92.
- O que muda e o que não muda. *Combate*, nº 163 (Mar.), p. 7. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 13-16.
- A fortaleza Portugal. *Combate*, nº 164 (Abr.), p. 11. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 97-100.
- Grandes princípios e ideologias. *Combate*, nº 166 (Jun.), p. 7. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 17-20.
- Muros e máfias. *Combate*, nº 167 (Jul.), p. 7. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 107-110.
- O comboio do século XXI. *Combate*, nº 168 (Set.), p. 6. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 85-88.
- Pagar duas vezes. *Combate*, nº 169 (Out.), p. 8. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 57-60.
- O albergue espanhol do Sr. Porter. *Combate*, nº 170 (Nov.), p. 1.
- O negócio dos despedimentos. *Combate*, nº 170 (Nov.), p. 21.

1994

- Novas ordens, velhas desordens. *Combate*, nº 172 (Jan.), p. 18.
- Informação, democracia e índios mexicanos. *Combate*, nº 173 (Fev.), p. 9.
- Exílio dourado do capital. *Combate*, nº 174 (Mar), p. 18-19.
- Reedição de um discurso. *Combate*, nº 174 (Mar.), p. 22.
- Nas sombras de Abril. *Combate*, nº 175 (Abr.), p. 23.
- A diferença está na utopia: mesa redonda com João Martins Pereira, João Carlos, João Paulo Cotrim, Francisco Louçã e outros. *Combate*, nº 175 (Abr.), p. 27-29.
- Os falsos avestruzes da “construção europeia”. *Combate*, nº 176 (Maio/Jun.), p. 20-21. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 61-65.
- Portugal: país moderno?. *Combate*, nº 179 (Set.), p. 1. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 67-71.
- Questões (pouco paradigmáticas) a um sociólogo singular, Boaventura Sousa Santos. *Combate*, nº 181 (Nov.), p. 12-15. Repetido com outra paginação no número seguinte, p. 10-13, e republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 11-123.

1995

- O “novo” debate regional. *Combate*, nº 183 (Jan.), p. 22-23. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 73-78.
- Saint-Simon: a “indústria” enquanto utopia. *Combate*, nº 184/185 (Fev./Mar.), p. 24-25. Republicado em *Malhas que a memória tece*, p. 19-28.
- Duas questões sobre o desemprego. *Combate*, nº 186 (Abr.), p. 22-23.
- O crime já não é o que era. *Combate*, nº 187 (Maio), p. 18-19. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 101-106.
- [Excerto de O dito e o feito]. *Combate*, nº 189 (Jul./Ag.), p. 11.
- Como reconhecer o futebolista-tipo. *Combate*, nº 189 (Jul./Ag.), p. 18.
- Fronteiras, povos, aprendizes de feiticeiro. *Combate*, nº 190 (Set.), p. 26-27.
- Mestres e discípulos. *Combate*, nº 191/192 (Nov.), p. 27.
- A comunidade fechada em casa. *Combate*, nº 193 (Dez.), p. 26-27. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 133-137.

1996

- Manifesto: 6 pontos sem reticências; João Martins Pereira e outros. *Combate*, nº 200-201 (Jul./Ag.), p. 2-3.

- A maré do diálogo. *Combate*, nº 200-201 (Jul./Ag.), p. 20.
- O 35º do pelotão. *Combate*, nº 204/205 (Dez.), p. 29. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 79-83.

1997

- Pão, amor e filmes italianos. *Combate*, nº 208 (Mar.), p. 27.
- As voltas que o capitalismo (não) deu. *Combate*, nº 212/213 (Jul./Ag.), p. 18-19. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 125-131.
- Memória e presença do Che e do Vietname. *Combate*, nº 215 (Out.), p. 19.

1998

- Conhecimento dos mares: a ciência e a vida. *Combate*, nº 222 (Out.), p. 11.

1999

- Capitalismo e terceiras vias. *Combate*, nº 226 (Fev.), p. 10-11. Republicado em *As voltas que o capitalismo (não) deu*, p. 51-56.
- A verdade é que... *Combate*, nº 231 (Set.), p. 13.
- Consensos e democracia. *Combate*, nº 232 (Dez.), p. 3.

2000

- Política? Procurem-na. *Combate*, nº 233 (Jan.), p. 3.
- A Europa que (não) queremos ou anti-europeísmo primário. *Combate*, nº 238-9 (Jul./Ag.), p. 3.
- A instabilidade que desejamos. *Combate*, nº 242 (Nov.), p. 3.
- O inspector das bananas. *Combate*, nº 243 (Dez.), p. 3.

2001

- Da insegurança à política caseira. *Combate*, nº 247 (Abr.), p. 3.

2002

- Quando um homem se põe a pensar. *Combate*, nº 257 (Fev.), p. 3.

2003

- A paz dos vencedores. *Combate*, nº 270-1 (Abr./Maio), p. 6.

COMÉRCIO DO FUNCHAL

1971

- Resposta ao inquérito Portugal perante a Europa. *Comércio do Funchal*, 14 Nov., p. 5.
- Portugal perante a Europa: João Martins Pereira responde a Medeiros Ferreira. *Comércio do Funchal*, 19 Dez.

CORREIO DO MINHO

1983

- A instabilidade persistirá, o problema é saber-se no que vai dar. [Entrevista a João Martins Pereira a propósito de *No Reino dos Falsos Avestruzes* por] Baptista Bastos. *Correio do Minho*, 21 Maio, p. 8-9.

O COMÉRCIO DO PORTO

1975

- A saída de João Martins Pereira. *O Comércio do Porto*, 18 Jul. 1975, p. 8.

CUADERNOS PARA EL DIALOGO

1974

- La economía y el movimiento del 25 de Abril. *Cuadernos para el Diálogo*, Extra 41 (Jun.), p. 54-55.

DIÁRIO DE LISBOA

1958

- Diálogos sobre um livro. *Diário de Lisboa*. Suplemento literário, 18 Set.

1968

- Uma utopia do possível: [Recensão] a Lefebvre, Henri - Contra os tecnocratas, Moraes, 1968. *Diário de Lisboa*. Suplemento literário, 29 Ag.
- Elogio do boato. *Diário de Lisboa*, 17 Out., p. 8.
- 2001 Odisseia no Espaço. *Diário de Lisboa*, Magazine, 26 Out.

1975

- Martins Pereira explica a demissão: Este “aparente suicídio” é o risco de pensar pela “própria cabeça”. *Diário de Lisboa*, 18 Jul., p. 4.

1982

- Senhor Deputado! *Diário de Lisboa*, 11 Nov., p. 2 e 5.

1989

- A interminável nostalgia do “Fim da História”: depoimento sobre Fukuyama. *Diário de Lisboa*, 26 Dez., p. 17.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

1975

- A dinamização do sector industrial passa pela participação dos trabalhadores: [entrevista de Mário Rosendo a JMP enquanto Secretário de Estado da Indústria]. *Diário de Notícias*, 17 Jun., p.1-2.
- A estratégia do M.F.A. e o papel dos partidos analisados por João Martins Pereira. *Diário de Notícias*, 18 Jul. Texto que acompanhou o pedido de demissão de Secretário de Estado do 4º Governo Provisório, p. 9.

DIÁRIO POPULAR

1976

- “Queremos fazer um jornal ao serviço das massas trabalhadoras”: dissenos o Director da “Gazeta da Semana”. *Diário Popular*, 31 Mar., p. 11.

ESPRIT

1979

- Le militantisme et les mouvements collectifs. *Esprit*, nº 1 (Jan.), p. 44-48.

ESPRESSO

1974

- 54 dias depois: “acertar o passo”? *Espresso*, 20 Jul., p. 10.

1980

- Sartre, minha jangada. *Espresso*, 19 Abr., p.14-R.

EXTRA

1978

- Portugal: transição para quê? O preço do futuro. *Extra*, 30 Mar., p. 9.

GAZETA DA SEMANA

Gazeta da Semana; dir. João Martins Pereira. Lisboa: 1976-1977.

1976

- Moçambique em revolução: a segunda luta da FRELIMO [1]. *Gazeta da semana*, nº1 (1 Abr.), p. 14.
- O “auxílio” americano. *Gazeta da semana*, nº 1 (1 Abr.), p. 6.
- Uma economia cada vez mais política. *Gazeta da semana*, nº 2 (8 Abr.), p. 9.
- Sobre o regresso dos patrões. *Gazeta da semana*, nº 2 (8 Abr.), p. 11.
- Moçambique em revolução: o desafio dos grupos dinamizadores. *Gazeta da semana*, nº 2 (8 Abr.), p. 14.
- De como um senhor chamado Adolfo Hitler foi preso por ter assaltado uma velhinha. *Gazeta da semana*, nº 3 (15 Abr.), p. 4.
- Moçambique em revolução: desagradar ao inimigo... [conclusão]. *Gazeta da semana*, nº 3 (15 Abr.), p. 14.
- 25 de Abril: Do povo unido ao povo agredido. *Gazeta da semana*, nº 4 (22 Abr.), p. 3.
- Nacionalizações & Aberrações. *Gazeta da semana*, nº 4 (22 Abr.), p. 9.
- Votos contados, forças por contar. *Gazeta da semana*, nº 5 (29 Abr.), p. 3.
- A pequena burguesia de que nos esquecemos. *Gazeta da semana*, nº 6 (6 Maio), p. 13.
- Comissão de Extinção ou comissão de convivência? *Gazeta da semana*, nº 8 (20 Maio), p. 3.
- Capitalismo e socialismo nas decisões económicas. *Gazeta da semana*, nº 8 (20 Maio), p. 4.
- Eanes ou o sexo dos anjos. *Gazeta da semana*, nº 9 (27 Maio), p. 3.
- Aliança de classes não é “compra de clientelas”. *Gazeta da semana*, nº 9 (27 Maio), p. 5.
- Independência nacional e socialismo. *Gazeta da semana*, nº 10 (3 Jun.), p. 3.
- Eleições presidenciais: cada cabeça... sua “unidade”. *Gazeta da semana*, nº 11 (9 Jun.), p. 3.
- Ainda o debate na RTP: o que Ramalho Eanes não disse. *Gazeta da semana*, nº 12 (16 Jun.), p. 5.
- Onde nos leva a crise económica (1): [debate entre Luís Salgado Matos, João Martins Pereira e Jorge Almeida Fernandes]. *Gazeta da semana*, nº 12 (16 Jun.), p. 10 e 11.
- Onde nos leva a crise económica (2): [debate entre Luís Salgado Matos,

- João Martins Pereira e Jorge Almeida Fernandes]. *Gazeta da semana*, nº 13 (24 Jun.), p. 10, 11 e 17.
- [Eanes, Évora e Rossio]: Que honestidade? Que verdade? Que ordem? *Gazeta da semana*, nº 14 (1 Jul.), p. 2.
- [O triste fim do 6.º Governo]: a economia que Zenha deixa a Soares. *Gazeta da semana*, nº 15 (8 Jul.), p. 3.
- Enfim, a lei anti-controlo operário. *Gazeta da semana*, nº15 (8 Jul.) p. 5.
- Saiba o PS que se o governo durar pouco... *Gazeta da semana*, nº 17 (22 Jul.), p. 3.
- A (in)dependência nacional e a geopolítica do sr. Ministro. *Gazeta da semana*, nº 18 (29 Jul.), p. 3.
- PS ouviu a Assembleia, faltou-lhe ouvir o povo. *Gazeta da semana*, nº 20 (12 Ag.), p. 3.
- A desestabilização e a política suicida do Governo PS. *Gazeta da semana*, nº 21 (23 Set.), p. 3.
- Verão morno que promete aquecer: enquanto se arrasta a questão das bombas Soares faz o discurso da crise... do Poder. *Gazeta da semana*, nº 21 (23 Set.), p. 7-8.
- Chegou a hora do assalto à Constituição. *Gazeta da semana*, nº 24 (14 Out.), p. 3.
- [Conferência sobre economia portuguesa]: Americanos passam rasteira ao PS ajudados por “velhos conhecidos” do 24 de Abril. *Gazeta da semana*, nº 25 (21 Out.), p. 7.
- Congresso P.S. : unidade – cisão: a falsa questão. *Gazeta da semana*, nº 26 (28 Out.), p. 3.
- [Conferência sobre economia portuguesa (1)] Conselhos de amigo - Americanos: não à constituição! - Alemães: não ao mercado comum!. *Gazeta da semana*, nº 26 (28 Out.), p. 8.
- [Excertos do livro de João Martins Pereira “O socialismo, a transição e o caso português”: Como chegámos onde chegámos? As crises pré-revolucionárias e o caso português. Os impasses do “Estado ao serviço dos trabalhadores”]. *Gazeta da semana*, nº 26 (28 Out.), p. 10-11.
- [Congresso do PS]: erguer o punho esquerdo... e agir com o direito. *Gazeta da semana*, nº 27 (4 Nov.), p. 3.
- Em vésperas do VIII Congresso: a autocrítica que o PC não fez. *Gazeta da semana*, nº 28 (11 Nov.), p. 5.
- PCP: as inovações teóricas de Álvaro Cunhal. *Gazeta da semana*, nº 30 (25 Nov.), p. 4.

– As multinacionais e o 25 de Abril. *Gazeta da semana*, nº 31 (3 Dez.), p. 5.

1977

– Ao virar do ano: o Governo PS a contas com a história. *Gazeta da semana*, nº 32 (15 Jan.), p. 5.

GAZETA DO MÊS

Gazeta do Mês / dir. João Martins Pereira. Lisboa: *Dijournal* [Distrib.], 1980.

1980

– A AD e nós. *Gazeta do mês*, nº 1 (Maio), p. 3. Republicado em *Os falsos avestruzes*.

– O militantismo e os movimentos colectivos. *Gazeta do mês*, nº 1 (Maio), p. 14-15.

– Os nossos tutores são uns medíocre. *Gazeta do mês*, nº 2 (Jun.), p. 3.

– Resistir ou re-existir. *Gazeta do mês*, nº 2 (Jun.), p. 11.

– A economia de que não se fala mas todos conhecem. *Gazeta do mês*, nº 2 (Jun.), p. 24.

– “O candidato”. *Gazeta do mês*, nº 3 (Jul.), p. 3.

A IDEIA

1984

– Economia subterrânea: o certo e o duvidoso. *A Ideia*, nº 34-35 (Out.), p. 96-99.

1990

– O conceito de “partido de vanguarda” está moribundo. *A Ideia*, nº 54 (Maio), p. 13-15.

INTERVENÇÃO

1978

– Acção cultural e ideológica. *Intervenção*, nº 9 (Nov.), p. 16-17.

O JORNAL

1975

– MFA: Movimento de libertação? *O Jornal*, 27 Jun.

– João Martins Pereira escreve a Otelo: “utilizou-se a legalidade revolu-

nº31

nº32

nº1

nº2

nº3

cionária muitas vezes contra a revolução...” *O Jornal*, 30 Dez. Republicado em francês no *Libération*, 26 Jan. 1976.

JORNAL DE NOTÍCIAS

1987

– O liberalismo e o futuro dos liberais. *Jornal de Notícias*, 12 Jul., p. 4.

JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

1994

– O pânico não é bom conselheiro : [Resposta a inquérito]. *JL*, 3 Ag., p. 10.

JORNAL NOVO

1975

– Martins Pereira explica-nos: “a crise actual foi tornada inevitável”. *Jornal Novo*, 18 Jul., p. 3.

– Controlo da produção pelos trabalhadores. Documento Cravinho/Martins Pereira. O ponto de vista do IV Governo, *Jornal Novo*, 9 Set.

JUVENTUDE OPERÁRIA

1994

– Factos são factos, números são números: o desemprego é “uma questão psicológica”. *Juventude Operária*, Jan.

LE MONDE

1975

– “Nous voulons utiliser l’argent de la CEE pour poursuivre de processus révolutionnaire” déclare M. Martins Pereira, ancien secrétaire d’État à l’industrie. *Le Monde*, 14 Ag.

LIBÉRATION

1975

– Le pouvoir populaire seule chance de faire quelque chose de nouveau et de créateur au Portugal. Interview de l’ancien secrétaire d’Etat portugais à l’industrie : [por] José Garçon. *Libération*, 13 Ag.

– Portugal: la révolution est encore possible. *Libération*, 28 Dez.

1976

– Lettre ouverte de Juan Martins Pereira a M. le Major Otelô Saraiva de Carvalho. *Libération*, 26 Jan. Republicado em *Le Portugal d’Otelô : la Révolution dans le labyrinthe*. Paris : JCLattès, p. 128-133.

1977

– Le 25 Avril n’est pas fini. *Libération*, 25 Abr., p. 1 e 9.

1979

– Les mythologies portugaises. *Libération*, 25 Abr., p. 13-14.

LUSOTOPIE

1996

– Pode Portugal viver sem as colónias sem subsídios? *Lusotopie*. p. 461-464.

IL MANIFESTO

1977

– Soares spinge a destra: com quale prospettiva económica? E qual’è il potenziale di lotta ancora vivo? Risponde l’economista Pereira: [entrevista por] Luigi Scricciolo. *Il Manifesto*, 9 Jan., p. 3.

PLURAL

1984

– Em busca da esquerda: retorno aos falsos avestruzes. *Plural*, nº 4 (Jan.), p. 60-64.

– Memórias de gente solta: fragmentos. *Plural*, nº7 (Abr.), p. 26-29.

PRAXIS

Revista da AE da FECP

1979

– Constituição e sistema económico. *Praxis*, nº 6/7 (Jul.).

PÚBLICO

1990

– Nós, os que nunca militámos: [depoimento]. *Público*, 25 Nov.

1991

– As reformas na Europa de Leste: a atribulada demanda do mercado. *Público*, 12 Jan., p. 18-19.

1995

– A crónica política do século XIX e de hoje: [depoimento]. *Público*. Suplemento “Leituras”, 23 Set., p. 2-4.

1998

– Não quero falar da Expo. *Público*, 21 Abr., p. 28.

1999

– Carta aberta a João Cravinho. *Público*, 7 Maio, p. 9.

2001

– Conversas com vistas ... para João Martins Pereira: entrevista por Maria João Seixas. *Público*, revista “Pública”, 1 Abr., p. 24-31.

REPÚBLICA

1975

– Espanha: as lágrimas que nos prometem. *República*, 30 Set.

– Europa – Portugal: segunda investida. *República*, 10 Out.

REVISTA COMEMORATIVA DO 25 DE ABRIL

1980

– Mesa redonda: o passado, o presente e o futuro do 25 de Abril. *Revista comemorativa do 25 de Abril*: Editora do Estado-Maior General das Forças Armadas, p. 29-60.

REVISTA CRÍTICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

1985

– A natureza instrumental das Forças Armadas: o exemplo do 25 de Abril. In Actas do Colóquio “Portugal 1974-1984 - Dez anos de transformação social”. Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 7 a 9 de Dezembro de 1984. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 15/16/17 (Maio), p. 91-96.

SEARA NOVA

1966

- Relações humanas na empresa. *Seara Nova*, nº 1453 (Nov.), p. 324-325.

1967

- Reflexões sobre problemas do emprego. *Seara Nova*, nº 1460 (Jun.), p. 167-169.
- Para uma sociologia sem complexos. *Seara Nova*, nº 1461 (Jul.), p. 209-211.
- Engenheiro: Profissão maldita? *Seara Nova*, nº 1463 (Set.), p. 279-281.

1968

- Estimulantes materiais na economia. *Seara Nova*, nº 1470 (Abr.), p. 115-116.
- Nota à margem dos problemas económico-financeiros dos E.U.A. *Seara Nova*, nº 1471 (Maio), p. 165.

1969

- Critérios de dependência económica. *Seara Nova*, nº 1483 (Maio), p. 179-180.
 - Uma apologia do Neo-sindicalismo: [Recensão a] Murteira, Mário
- Economia do trabalho. Lisboa: Livr. Clássica Editora, 1969. *Seara Nova*, nº 1488 (Out.), p. 365-366.

O TEMPO E O MODO

1969

- Carta a um homem respeitável. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 73, p. 17-18.
- Anuncie agora pense depois! *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 73, p. 19-20.
- A longa descoberta do caminho marítimo para Europa. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 73, p. 21-32.
- Palavras incómodas. Actualidade crítica e crítica da actualidade. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 73, p. 7-9. Texto não assinado na revista.
- Um sindicalismo de “falcões”. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 74 (Dez.), p. 14-15.
- Mesa redonda com Bénard da Costa, João Martins Pereira e outros. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 74 (Dez.), p. 21-27.

1970

- Uma “sociedade nova”. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 75 (Jan.), p. 8-9.
- Essa palavra espontaneidade. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 75 (Jan.), p. 14.
- Notas sobre o ensino politécnico. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 76

(Fev.), p. 9-10.

- Mesa redonda com sete redactores do TM, entre eles João Martins Pereira. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 78 (Abr.), p. 3-11.

- PEREIRA, J. M. ; ROSAS, F. - Querer e não querer : os dilemas da “nova política industrial. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 78 (Abr.), p. 21-29.

- Sindicalismo: o despertar dos quadros. *O Tempo e o Modo*. Nova série, nº 81 (Jul./Ag.), p. 6-7.

VÉRTICE

1994

- O intelectual nas sociedades modernas. *Vértice*. II série (Maio/Jun.), p. 113-117

VIDA MUNDIAL

1974

- Para onde vai o capitalismo português? Procura de uma resposta com João Martins Pereira: entrevista de Adelino Cardoso. *Vida Mundial*, nº 1831 (17 Out.), p. 25-35.

- Reflexões sobre anti-monopolismo. *Vida Mundial*, nº 1833 (31 Out.), p. 41-42.

- Dois documentos programáticos: um comentário. *Vida Mundial*, nº 1834 (7 Nov.), p. 41-42.

- Arrendamento rural: que rendeiros?, *Vida Mundial*, nº 1835 (14 Nov.), p. 42-43.

- Portugal depende de quem? *Vida Mundial*, nº 1837 (28 Nov.), p. 28-34.

- A nova corrida ao ouro: O dinheiro dos emigrantes. *Vida Mundial*, nº 1837 (28 Nov.), p. 41-42.

- Enquanto se aguarda o plano siderúrgico nacional... *Vida Mundial*, nº 1838 (5 Dez.), p. 42-44.

- Algumas perguntas sobre Sines. *Vida Mundial*, nº 1838 (5 Dez.), p. 44.

- Intervenção do estado no sector privado. *Vida Mundial*, nº 1839 (12 Dez.), p. 41.

- Apontamentos. *Vida Mundial*, nº 1839 (12 Dez.), p. 41-42.

- Alternativas de desenvolvimento: algumas questões básicas. *Vida Mundial*, nº 1840 (19 Dez.), p. 41-43.

1975

- 1975: “Crise” Mundial? *Vida Mundial*, nº 1841 (26 Dez.), p. 41-47.
- Plano antimonopolismo: sabotagem económica. *Vida Mundial*, nº 1843 (9 Jan.), p. 41-43. Este número do jornal inclui “O ‘negócio’ da Siderurgia: Champalimaud responde a Martins Pereira”, p. 43-46.
- O “negócio” da siderurgia: para Champalimaud ler no avião. *Vida Mundial*, nº 1844 (6 Jan.), p. 43-46.
- Disciplina e hierarquia na empresa. *Vida Mundial*, nº 1845 (23 Jan.), p. 38-39.
- Dois apontamentos sobre privilégios económicos. *Vida Mundial*, nº 1846 (30 Jan.), p. 39-41.
- Uma economia de guerra em tempo de paz. *Vida Mundial*, nº 1847 (6 Fev.), p. 42-45.
- Problemas de planeamento: a cidade e os campos. *Vida Mundial*, nº 1849 (20 Fev.), p. 41-42.
- Carta aberta a Melo Antunes. *Vida Mundial*, nº 1851 (6 Mar.), p. 41-45. Republicada in *Debate sobre o programa de política económica e social*. Lisboa: Editora Moraes, 1975.
- Importações: as pequenas coisas e as grandes coisas: I. *Vida Mundial*, nº 1853 (20 Mar.), p. 41-43.
- Importações: as pequenas coisas e as grandes coisas: II. *Vida Mundial*, nº 1855 (3 Abr.), p. 46-47.
- Portugal: onde nasce a contra-revolução. *Vida Mundial*, nº 1857 (17 Abr.).
- Martins Pereira ao “Libération”: a necessidade de uma “economia de guerra”: entrevista. *Vida Mundial*, nº 1876 (28 Ag.).

VOZ DI POVO

1973

- Política cultural : acção cultural e ideológica. *Voz di povo*, Ano 4, nº 174 (Jan.), p. 3.

VOZ DO POVO

1979

- Portugal, uma economia em ponto de viragem: entrevista a João Martins Pereira [por] Nuno Crato. *Voz do Povo*, 31 Ag. e 7 Set.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA



ABELAIRA, Augusto - A transição para o socialismo vista por Martins Pereira. *O Jornal*, 29 Abr. 1977.

ABELAIRA, Augusto - Acerca dos intelectuais. *JL*, nº 56 (12 Abr. 1983), p. 9. Sobre *No Reino dos Falsos Avestruzes*.

BALKAY, Bálint - [Recensão a] Sistemas económicos e consciência social: para uma teoria do socialismo como sistema global. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1980. *Acta Oeconomica*. Budapeste, 1983?.

BARRETO, António - Os falsos e os verdadeiros avestruzes. *Diário de Notícias*. Suplemento “Revista de Livros”, 1 Jun. 1983, p. 12. Inclui caricatura de JMP, da autoria de Vasco, na 1ª pág. da «Revista de Livros».

BELO, Fernando - A transição socialista e a questão do poder: debate sobre as teses de Martins Pereira com a participação de Fernando Belo. *Abril: revista de reflexão socialista*. Abr. 1978, p. 6-19.

CABRAL, Francisco Sarsfield - A revolução e a questão política da liberdade. *Diário de Notícias*, 4 Mar. 1977. Sobre *O socialismo a transição e o caso português*.

CAMILO, João - “O dito e o feito” de João Martins Pereira. *Jornal de Notícias*, 11 Set. 1990, p. 7.

CARVALHO, Manuel - Seremos sempre subalternos. *Público*, 17 Abr. 1994. Sobre a conferência de JMP “Indústria e Sociedade Portuguesa Hoje”, em Matosinhos.

CAUTELA, Afonso - Guia espiritual da esquerda? O diário de Martins Pereira. *A Capital*, 12 Dez. 1989, p. 32. Sobre *O dito e o feito*.

COELHO, Eduardo Prado - O homeopata e os antibióticos. *Expresso*, 23 Abr. 1983, p. 24R-25R. Sobre *No reino dos falsos avestruzes*.

COELHO, Eduardo Prado - Em busca da esquerda: breve resposta a João Martins Pereira. *Plural*, n° 6, Mar. 1984, p. 63-64.

CRUZEIRO, Maria Manuela - No Reino dos Falsos Avestruzes: um regresso inadiável: 1- 3. *Caminhos da Memória: Leituras Contemporâneas da História e da Memória*, 19 Nov. 2009, 18 Dez. 2009, 26 Jan. 2010. Disponível na Internet em: <http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2009/11/19/no-reino-dos-falsos-avestruzes-um-regresso-inadiavel/>.

DIONIÍSIO, Eduarda - 50 páginas para JMP: [depoimento]. *Público*, 15 Nov. 2008, p. 11.

FERREIRA, Medeiros - Portugal perante a Europa: Medeiros Ferreira responde a João Martins Pereira. *Comércio do Funchal*, 5 Dez. 1971.

FONSECA, Ronaldo G. - Sobre o socialismo, a transição e o caso português de João Martins Pereira: exemplo típico do idealismo académico. *Editora Centelha*, 1977.

FRAZÃO, Francisco - ... Tanto dá até que fura: notas de João Martins Pereira. *Revista Abril em Maio*, número zero (Maio 1999), p. 25-29.

“Gazeta da Semana” propõe-se romper o silêncio e a censura. *A Capital*, 1 Abr. 1976, p. 8.

HARDY, Yves - Le Portugal en équilibre instable. *Le Monde Diplomatique*, 8 Dez. 1976, p. 8 e 11.

LOMAX, Bill - Por onde vai o 25 de Abril?: I : a natureza da revolução de 1974. *Diário de Notícias*, “Revista de Livros”, 4 Dez. 1979, p. 7. Inclui em nota: “Dada a extensão deste artigo, a II Parte será publicada na próxima revista de livros”, o que não veio a acontecer.

LOUÇÃ, Francisco - Estratégias de felicidade e conhecimento. *O Jornal*, 16 de Fev. 1990, p. 18. Sobre *O dito e o feito*.

LOUÇÃ, Francisco - A esquerda e os jantares de gala. *Plural*, n° 7 (1984), p. 58-59. Sobre *No Reino dos falsos avestruzes*.

LOUÇÃ, Francisco - Um marxista crítico como nenhum outro. [Prefácio a] *As voltas que o capitalismo (não) deu*. Lisboa: *Edições Combate*, 2008, p. 5-9.

LOURENÇO, Eduardo - Robinson Martins-Pereira e a Ilha-Esquerda. *Plural*, n°1 (Out. 1983), p. 48-50. Sobre *No reino dos falsos avestruzes*.

MALHEIROS, José Vítor - João Martins Pereira: o radical que gostava de compreender as coisas. *Público*, 15 Nov. 2008, p. 10-11.

MELO, Jorge Silva - Com cinco pedras na mão. *Diário de Lisboa*. Suplemento “A Mosca”, 1990, p. 5. Sobre *O dito e o feito*.

MIRANDA, Flávio - [Recensão a] Para a História da Indústria em Portugal, 1941-1965. Adubos Azotados e Siderurgia. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005. *Revista de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Série 3, vol. 8 (2007), p. 533-536.

NEVES, Nuno Teixeira - Ser cidadão: a «Gazeta do mês» e a crise da esquerda. *Jornal de Notícias*, 11 Maio 1990, última página.

NEVES, Nuno Teixeira - Ser cidadão: a «Gazeta do mês» e a política e a cultura. *Jornal de Notícias*, 22 Jun. 1990, última página.

PAREJO MORENO, Francisco M. - [Recensão a] Para a história da indústria em Portugal, 1941-1965: adubos azotados e siderurgia. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005. *Análise Social*, vol. XLI (2º), n° 179 (2006), p. 638-642.

PEREIRA, Miguel Serras - Em busca da esquerda: reinventar a política. *Plural*, nº 1 (Out.1983), p. 47-48. Sobre *No Reino dos falsos avestruzes*.

REIS, José - [Recensão a] Sistemas Económicos e Consciência Social: para uma teoria do socialismo como sistema global. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência: Centro de Estudos de Economia Agrária, 1980. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 7/8 (Dez. 1981), p. 615-621.

SALVADOR, José A. - “No Reino dos Falsos Avestruzes”: uma contribuição para o debate sobre a esquerda. *Diário Popular*, 3 Jun. 1983.

SARAIVA, António José - Um grito na noite. *Plural*, nº 1 (Out. 1983), p. 50-52. Sobre *No Reino dos Falsos Avestruzes*.

SARAIVA, António José - Incoerências de um positivista. *Plural*, nº 7 (1984), p. 57-58.

SILVA, Rodrigues da - Saber de Portugal hoje. *Diário de Lisboa*, 5 Dez. 1989, p. 19. Sobre *O dito e o feito*.

VALE, Francisco - Dois olhares desencantados sobre a vida política. *O Jornal*, 13 Maio 1983. Sobre JMP e J. Aguiar.

VALE, Francisco - Viagem “No Reino dos Falsos Avestruzes”. *O Jornal*, 20 Maio 1983.

VALE, Francisco - Dois olhares desencantados sobre a vida política, *Diário Popular*, 3 Jun. 1983.

**ESTUDOS NO ÂMBITO
DA ACTIVIDADE PROFISSIONAL**



A tentativa de levar a cabo um levantamento exaustivo dos estudos realizados por JMP no âmbito da sua actividade profissional confrontou-se com o facto de a Profabril, empresa onde trabalhou de 1965 a 1982, ter encerrado e termos sido informados, por diversas fontes, que o seu arquivo tinha sido destruído. A lista de trabalhos que apresentamos é aquela que figura num dos últimos currículos do autor. Alguns contactos pessoais apenas permitiram datar três estudos.

Quanto à Tecninvest, onde trabalhou desde 1983 até à reforma, pudemos ter o precioso contributo da Dr^a Alexandra Mendonça e do Eng. António Coimbra, que nos facultaram todos os registos dos trabalhos realizados, o mais completos possível (título, data e cliente).

O mesmo se passou em relação ao IAPMEI em que contámos com a colaboração do Dr. Mariano dos Santos e do Dr. Henrique Marçal, que redigiu o texto que apresentamos. O Eng. António Souta completou a lista dos vídeos empresariais em que JMP colaborou como argumentista, sob o nome de João Midosi.

PROFABRIL

Centro de Projectos, SARL

1971-1982

Estudos técnicos e económicos nos seguintes domínios, entre outros:

- Produção de açúcar e beterraba (Portugal).
- Fábrica de rações para animais (Portugal).
- Fábrica de bolachas (Portugal).
- Fosforeira (Moçambique).
- Hotéis e edifícios administrativos (Portugal e Moçambique).
- Desmantelamento de navios (Portugal).
- Indústria de camiões e autocarros (Portugal).
- Extração e refinação de cana-do-açúcar (Moçambique).
- Aproveitamento industrial de madeiras tropicais (Angola).
- Unidades de processamento de peixe (Angola).
- Estudo para a Associação Portuguesa de Projectistas e Consultores sobre “O sector de estudos e projectos e a integração de Portugal na CEE”.

Coordenação de estudos sectoriais e de planeamento:

1971

- Plano de desenvolvimento dos portos de Lisboa e Setúbal.
- Armazenagem e movimentação de cereais e açúcar (Angola, Moçambique e Portugal).

1981

– Perspectivas futuras do conjunto da indústria electromecânica portuguesa. Vários volumes.

Vol. 1: Peças fundidas e forjadas. - 105 p.; **Vol. 2:** Ferramentas manuais, equipamento médico-hospitalar. - 135 p.; **Vol. 3:** Órgãos de máquinas, bombas e motores. - 163 p.; **Vol. 4:** Máquinas-ferramentas para metal e madeira. - 443 p.; **Vol. 5:** Máquinas e equipamentos para as indústrias têxteis, do vestuário e do calçado. - 356 p.

Cliente: Ministério da Indústria - CESEM (Comissão para o Estudo do Sector Electromecânico)

Este estudo foi iniciado na Profabril em 1981 e terminado na Tecninvest em 1983.

– Armazenagem de frio e distribuição de produtos alimentares no Algarve.
– Estudos preliminares para o estabelecimento do Plano Director da Indústria de Construção e Reparação Naval na República Popular de Moçambique.

TECNINVEST

Técnicas e Serviços para o Investimento, SA

Para além de coordenação dos Departamentos de Produção, interveio directamente nos seguintes trabalhos e iniciativas:

1983

– Contribuição para o estudo de diversificação de um estaleiro naval. 1 vol.

Empresa: SEMAP - Sociedade de Estudos Económicos e Informáticos

Cliente: BFN – Banco de Fomento Nacional

– A indústria transformadora perante a adesão à CEE.

Empresa: SEMAP - Sociedade de Estudos Económicos e Informáticos

Cliente: BFN – Banco de Fomento Nacional

1983-1984

– Estudo dos sectores de cristalaria e garrafaria.

Empresa: Profabril, SA

Cliente: DGI - Direcção-Geral da Indústria

1984

– Análise técnica do projecto de investimento da SCABE. 1 vol.

Empresa e cliente: Banco Totta & Açores (Porto)

– Carteira de projectos: estudo de base. 1 vol.

Empresa e cliente: IAPMEI - Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais

– Organização do Seminário “A Grécia e a CEE – 3 anos depois / Exemplos e lições para as empresas industriais portuguesas”.

Patrocinado pelo IAPMEI, AIP e BFN.

1985

– Matadouro de Portalegre: estudo económico-financeiro. 1 vol.

Empresa: Junta Nacional dos Produtos Pecuários - Matadouro de Portalegre

Cliente: Profabril, SA

– Guia do investimento empresarial em Portugal. 1 vol.

Empresa e cliente: IPE - Investimentos e Participações do Estado, SA

– Estudo dos “Efeitos da integração conjunta de Portugal e Espanha na CEE sobre o comércio de produtos siderúrgicos em Portugal”. 4 vol.

Empresa e cliente: SN - Siderurgia Nacional, EP

– Estudo de indústria de fundição de latão e outras ligas de cobre. 2 vol.

Empresa e cliente: DGI - Direcção-Geral da Indústria

1986

– Estudo do mercado dos calcários. 1 vol.

Empresa: Ferrominas, EP

Cliente: BFN – Banco de Fomento Nacional

– Estudo do sector das rochas ornamentais (mármore, granitos e ardósias). 2 vol.

Empresa e cliente: IPE – Investimentos e Participações do Estado, SA

– Estudo dos mercados português e espanhol para derivados do calcário (britas, micronizados, correctivos para solos e cal). 1 vol.

Empresa: Ferrominas, EP

Cliente: BFN – Banco de Fomento Nacional

– Estudos de mercado de diversos produtos na área das Telecomunicações (Telefones, centrais de comutação privada, TSS – Telecom Support Systems, etc.).

Empresa e cliente: Arthur D. Little

1987

– Estudo e proposta de um novo sistema de comercialização de produtos siderúrgicos. 1 vol.

Empresa e cliente: SN – Siderurgia Nacional, EP
– Assistência técnica à implementação de sistema de comercialização. 1 vol.

Empresa e cliente: SN - Siderurgia Nacional, EP
– Perfil do mercado nacional de carvões. 1 vol.

Empresa e cliente: ECD - Empresa Carbonífera do Douro
– Estudo de diversificação de produção

Empresa e cliente: Automática Eléctrica Portuguesa
– Estudo das prioridades para incentivos a I&D industrial em Portugal.

Empresa e cliente: DG XII – CEE

1987-1988

– Estudo das condições de funcionamento do Complexo Industrial de Estarreja (coordenação geral). 7 vol.

Empresa e cliente: DGI - Direcção-Geral da Indústria

1988

– Estudo de reestruturação do sector de aparelhagem eléctrica de instalação. 2 vol.

Empresa: ANIMEE - Associação Nacional das Indústrias de Material Eléctrico e Electrónico

Cliente: SIPE, J. B. Corsino, Electro Cerâmica, Fáb. Plásticos J. Santos, Eurotermo, TEVE, EFAPEL

– Estudo de mercado de UPS - Uninterrupted Power Supplies. 1 vol.

Empresa e cliente: AEP - Automática Eléctrica Portuguesa
– Identification of Portuguese Firms (Contract INV/843-635). 1 vol.

Empresa: CDI - Centro de Desenvolvimento Industrial

Cliente: IPE, BFN, IAPMEI e outros

1989

– Estudo do mercado de chapa de aço fina, cortada à medida. 1 vol.

Empresa e cliente: SN - Siderurgia Nacional, EP
– Perfil do sector da construção de edifícios. 1 vol.

Empresa e cliente: B.S.R.I.A. (U.K.) – Building Services Research and Information Association

– Levantamento de potenciais expositores e visitantes a Feiras Internacionais em Portugal. 1 vol.

Empresa e cliente: AIP - Associação Industrial Portuense

– Levantamento de oportunidades comerciais e do investimento em Portugal

para empresários luso-americanos da Fall River (E. Unidos).

Empresa e cliente: Arthur D. Little

1989-1990

– Estudo de mercado de equipamentos de aquecimento, ventilação, ar condicionado e sanitários para edifícios e perfil do sector da construção de edifícios. 6 vol.

Empresa e cliente: B.S.R.I.A. (UK) – Building Services Research and Information Association

1990

– Perfil do consumo de ácido sulfúrico em Portugal. 1 vol.

Empresa e cliente: EDM – Empresa de Desenvolvimento Mineiro

– Identificação e avaliação de oportunidades de investimento na Região Autónoma da Madeira - fileira industrial.

– Perfil do consumo de ácido sulfúrico em Portugal. 1 vol.

Empresa e cliente: EDM – Empresa de Desenvolvimento Mineiro

– Estudo de diagnóstico e de planeamento estratégico da indústria de mobiliário de madeira

1991

– Estudo sobre tecnologia, qualidade e design nas PME Portuguesas. 4 vol.

Empresa e cliente: AIP – Associação Industrial Portuense

1992

– Estudo do sector da Engenharia em Portugal. 1 vol.

Empresa e cliente: INVESTEC

– Estudo de mercado (nacional e espanhol) de sienitos nefelínicos. 1 vol.

Empresa e cliente: EDM – Empresa de Desenvolvimento Mineiro

1993

– The Public Procurement Market in Portugal. 1 vol.

Empresa e cliente: IMES

– Estudo da indústria do calçado.

Empresa e cliente: BFE - Banco de Fomento Exterior

– Estudo sobre a eficácia do apoio das infraestruturas associativas às PME's industriais. 5 vol.

Empresa e cliente: IAPMEI - Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais

1993-1994

- Estudo prospectivo do mercado de explosivos civis. 3 vol.

Empresa e cliente: SEC - Sociedade de Explosivos Civis

1994

- Análise de inquéritos a expositores e visitantes de certames FIL 93/94. 1 vol.

Empresa e cliente: AIP - Associação Industrial Portuguesa

- Air Conditioning Market. 1 vol.

Empresa e cliente: B.S.R.I.A. (U.K.) - Building Services Research and Information Association

- Introdução ao Documento-Base para o "5º FÓRUM PME". 1 vol.

Empresa e cliente: AIP - Associação Industrial Portuguesa

1995

- Avaliação dos sistemas de incentivos RETEX ("on going"). 1 vol.

Empresa e cliente: NOMISMA - Società di Studi Economici, S.p.A. (Comissão Europeia)

- Avaliação dos sistemas de incentivos IMIT ("ex-ante"). 1 vol.

Empresa e cliente: NOMISMA - Società di Studi Economici, S.p.A. (Comissão Europeia)

- Dimensionamento do mercado nacional de banheiras (ferro fundido, chapa de aço, acrílicas). 1 vol.

Empresa e cliente: ROCA - Cerâmica e Comércio, SA

- Estudo de mercado nacional do sal. 2 vol.

Empresa e cliente: CLONA - Mineira de Sais Alcalinos, SA

- Avaliação da situação concorrencial de uma empresa de louça sanitária e pavimentos cerâmicos.

1996-1997

- Estudo do mercado de utilização de centros de incubação por pequenas empresas industriais de base tecnológica. 3 vol.

Empresa: Centro de Incubação de Pequenas Empresas Industriais de Base Tecnológica

Cliente: Gabinete do Gestor do PEDIP

1998

- Estudo do mercado de contadores, de leituras e de facturação de água

na região de Lisboa e Vale do Tejo. 1 vol.

Empresa e cliente: Raab Karcher - Energy Services GmbH

- Estudo do sistema de distribuição de equipamentos de ar condicionado. 1 vol.

Empresa e cliente: Daikin Internacional

2000

- Diagnóstico de situação da fileira do arroz em Portugal e formulação de um plano de marketing visando a promoção de consumo de arroz, com especial ênfase nas variedades japónicas deste cereal (diagnóstico do segmento da transformação).

IAPMEI

Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais

A partir de 1979, inicia uma longa colaboração regular com a instituição, apoiando a Direcção de Serviços de Promoção do Investimento e Análise de Projectos (SPIAP). Poderão considerar-se as seguintes principais áreas de colaboração:

- Elaboração de textos de apoio à definição de uma política activa de promoção da criação de empresas em Portugal (área onde o IAPMEI teve um papel pioneiro) e também, embora de forma pontual, no que se refere ao apoio do IAPMEI às PME em geral;

- Colaboração activa na concepção e realização dos primeiros manuais portugueses dedicados ao tema da Criação de Empresas, sob a designação genérica de "Criação de Empresas - Informações Úteis";

- Intervenção directa na realização/divulgação dos primeiros estudos levados a cabo em Portugal sobre "Perfil do empresário PME", com especial destaque para o perfil dos criadores de empresas que se apresentaram aos vários Concursos de Projectos realizados pelo IAPMEI e pela CGD;

- Concepção e elaboração de textos para publicações de divulgação junto dos empresários e da comunidade industrial de temas inovadores, até à data não tratados em Portugal (entre outros, o da inovação industrial; das novas tecnologias; das economias de energia e dos desperdícios). No campo dos desperdícios foi o autor do texto da RCM nº 323/80, de 12 de Setembro de 1980, texto esse solicitado pelo então Secretário de Estado da Indústria, Prof. Baião Horta, ao então Presidente do IAPMEI, Eng. Amadeu Augusto Pires;

– Elaboração de textos de suporte a diversas iniciativas que o IAPMEI dinamizou ou participou, nomeadamente, concursos de projectos industriais, série de primeiros filmes para a televisão realizados em Portugal sobre PME, materiais promocionais diversos, como guiões para vídeos de empresas, etc.).

– Participação, desde 1992, na coordenação da equipa do IAPMEI responsável pelas contribuições nacionais para o “Observatório Europeu das PME”.

PRINCIPAIS BROCHURAS PUBLICADAS

1981

Criação de Empresas: Informações Úteis – 1ª e 2ª edições.

Trata-se de um marco no conjunto das publicações de divulgação editadas em Portugal, dedicadas ao apoio à criação de empresas. Concebida sob a forma de um conjunto de fichas (autónomas mas interligadas), as suas 17 entradas cobriam os principais passos do percurso da criação de uma empresa, desde a Ideia-Produto até à Concretização da Ideia e, finalmente, o Arranque da Empresa, procurando sistematizar todos os aspectos com que o criador de empresas teria de se preocupar, alertando-o assim para a complexidade do processo e para as dificuldades com que se teria de defrontar ao longo do percurso de criação da sua empresa. Este documento teve uma aceitação generalizada, tendo ficado a constituir uma referência para os trabalhos que têm sido realizados, desde 1981 até à presente data.

1982

O Aproveitamento de Desperdícios.

1ª Brochura da Série Oportunidades para PME, apresentando o tema e sugerindo ideias de possíveis áreas de investimento neste sector.

1983

Inovação Industrial (IAPMEI/CGD).

1º texto sobre o tema redigido para PME, com uma panorâmica do que é a inovação industrial, o que são projectos inovadores e qual o contexto empresarial em que se podem inserir esses projectos.

1983

Criação de Empresas – Informações Úteis. 3ª edição revista e aumentada.

1983

Economias de energia na indústria – Um importante factor de competitividade para as PME’s – (DGE/IAPMEI).

Brochura de divulgação das oportunidades de poupança de energia para as empresas (Reduzir Custos e Poupar Divisas), no âmbito das iniciativas portuguesas do Ano das PME e do Artesanato, da Comunidade Económica Europeia.

1983-1985

Perfil do empresário de PME.

Tema a que o IAPMEI dedicou especial atenção. A colaboração do Eng. JMP traduziu-se não só no editing de trabalhos realizados por terceiros como pela realização de trabalhos inéditos, desde a concepção de inquéritos até ao apuramento dos resultados e definição do perfil-tipo do novo empresário PME.

1985

Novas Tecnologias.

1º texto português de divulgação do que se convencionou chamar, na altura, por “Novas Tecnologias”, procurando dar aos empresários PME e ao público em geral, uma visão global do tema e apresentar pistas para a análise das novas oportunidades que as mesmas ofereciam às PME e novos empresários.

1987

A Valorização dos Resíduos – (IAPMEI e DGQA).

Actualização da brochura editada em 1982 sobre aproveitamento de desperdícios.

1987 e 1989

Inovação para Jovens Empresários. 1987 (IAPMEI) e 1989 (IAPMEI e Instituto da Juventude).

1992

4º Fórum das PME: Modernizar e Internacionalizar. (CGD e AIP).

1996

As PME Industriais em Números (Brochura – Série Observatório das PME).

GUIÕES PARA VÍDEOS DE EMPRESAS

Realização: Centro de Produção audiovisual do IAPMEI

Textos: João Midosi

Programa: Comunicar pela imagem

1993

Empresa: QUEIJO SALOIO – Indústria de Lacticínios, S.A.

Empresa: M.F. Valente & Ca Lda – MOLARTE

Empresa: Fábrica de Produtos Estrela

Empresa: MIMALHA – Sociedade Industrial de Malhas, S.A.

Empresa: A. SILVA MATOS, Metalomecânica S.A.

Empresa: Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro, Lda

Empresa: COURO AZUL – Indústria e Comércio de Couros, Lda (Grupo CARVALHOS)

Empresa: O Primeiro de Janeiro

Cliente: MIE – Feira AMBIENTE/ENEREN

Empresa: RECER – Indústria de Revestimentos Cerâmicos, S.A. (10)

Empresa: SEIA – Sociedade de Engenharia e Inovação Ambiental

Empresa: DISOTEL – Equipamentos para Distribuição Alimentar e Hotelaria, Lda

Empresa: FELINO – Fundação e Construções Mecânicas, S.A.

Empresa: PORCEL – Indústria Portuguesa de Porcelana

1994

Empresa: Laboratórios IBERFAR – Produtos Farmacêuticos, S.A. (14)

Cliente: CENFIM – Centro de Formação Profissional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica

1995

Empresa: INFORCE – Pense indústria (vocacional)

IAPMEI – 20 anos com as PME

1997

Empresa: CODIMETAL

Empresa: CARVEMA TÊXTIL

Empresa: SIMÃO & Cia – Comércio e Indústria SA

Empresa: SUBERCOR – Cortiças de Portugal, Lda (Grupo Suberus)

Empresa: FISIPE, fabricante de fibras acrílicas

Empresa: MCG (Manuel da Conceição Graça, Lda), empresa metalomecânica

1999

Empresa: COURO AZUL – Sector automóvel (Grupo CARVALHOS)

Empresa: Grupo CARVALHOS (vídeo e brochura do Grupo)

2000

Empresa: SUBERCENTRO – Projecto EDTA (Grupo Suberus)

Empresa: SPAL

UMM, Lda (União Metalomecânica)

Cliente: IAPMEI (Iniciativas para a inovação empresarial)

2001

Cliente: NAVIPOR (vídeo pedagógico)

OUTROS ESTUDOS

1963

As instalações da aciaria da Siderurgia Nacional. Lisboa: [S.n.].

1975

Fez parte da Comissão que elaborou o Estudo da Reversão dos Estabelecimentos Fabris do Exército para o Estado-Maior do Exército.

1988

Urgent infrastructural needs of portuguese industry in science, research and technology development . S.l: Commission of the European Communities.

1992

CÉLULA DE PROSPECTIVA DA COMISSÃO EUROPEIA –
– The European Challenges post-1992. Lisboa: Instituto de Prospectiva.

FICHA TÉCNICA:

Título: João Martins Pereira e o seu nosso tempo: Bio-bibliografia

© CES / CD25A-UC

ISBN - 978-989-95840-2-0

ISBN - 978-972-95029-6-5

Depósito Legal: xxxxx

Tiragem: 500 ex.

Impressão/Tipografia: XXXXXXXX

Coimbra, Novembro 2011